

Os Conventos da Ordem de Santiago em Palmela

Isabel Cristina Ferreira Fernandes

1. O primeiro convento

A questão da instalação precoce de uma sede da Ordem de Santiago em Palmela, tratada por nós noutros estudos¹, tem continuado a merecer a nossa atenção e, para uma clara apresentação do percurso dos conventos, será útil que se sistematize toda a argumentação recolhida até ao momento, incluindo as evidências arqueológicas. Foram precisamente os vestígios materiais que registámos a partir de 1992 na alcáçova, sobretudo os resultantes da escavação de 1997-98, que nos despertaram para esta problemática.

Depois da concessão régia de foral à vila, em 1185, o castelo de Palmela é doado aos freires de Santiago, em 1186, em conjunto com Almada, Arruda e Alcácer de Sal, sendo mestre D. Sancho Fernandes². Foi decerto com um propósito coerente de organização da defesa da linha do Sado, entendida como a porta sul de Lisboa e dos territórios de Riba Tejo, que os castelos de Almada, Palmela e Alcácer do Sal foram entregues à milícia de Santiago. Para este período até à ofensiva almóada podem aventar-se duas hipóteses de localização de um estabelecimento de comando da Ordem: Palmela e Alcácer do Sal. Luís Filipe Oliveira³ e Maria Teresa Lopes Pereira⁴ defendem esta última. Ambos os castelos ofereciam vantagens estratégicas no plano de alargamento territorial para sul: o primeiro, pelo excepcional domínio visual dos dois estuários e terras circundantes, o segundo por constituir o posto militar mais avançado na penetração a sul e que já estaria na posse da Ordem desde 1175⁵. Esta proximidade dos territórios muçulmanos confere-lhe porém alguma debilidade, numa altura em que a consolidação cristã abaixo da linha do Tejo estava longe de ser alcançada. Por outro

¹ Isabel Cristina F. Fernandes, «O Castelo de Palmela: herança islâmica e domínio da Ordem de Santiago», *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Edições Colibri/ Câmara Municipal de Palmela, Lisboa, 2002, pp. 571-578; *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Edições Colibri - Câmara Municipal de Palmela, Lisboa, 2004; «Palmela no período da reconquista». Seminário *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, GEsOS – Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Palmela, 2005, pp. 311-325.

² *Documentos de D. Sancho I*, Coimbra, 1979: doc. 14, pp. 22-24.

³ Luís Filipe Oliveira, «Convento de Palmela», *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento – Guia Histórico*, B. V. e Sousa (Dir.), Livros Horizonte, Lisboa, 2005: 481-482.

⁴ Maria Teresa Lopes Pereira, *Alcácer do Sal na Idade Média*, Edições Colibri e Câmara Municipal de Alcácer do Sal, Lisboa, 2000: 207-208

⁵ Segundo Mário Raúl de Sousa Cunha a bula de Alexandre III de 1175 documenta a posse de Alcácer pela Ordem (*A Ordem Militar de Santiago (Das Origens a 1327)*, Porto, 1992 (pol.): 37-39).

lado, o facto de os freires de Alcácer serem beneficiados por D. Sancho I no seu testamento (codicilo ao segundo testamento, 1188)⁶, pode alimentar a ideia de que aí se radicou um primitivo convento principal da ordem até 1191.

No caso de Palmela, já o foral de 1185 refere a presença de cavaleiros no recinto castral⁷, o que terá requerido obras de adaptação do espaço da alcáçova para albergar a guarnição cristã. As escavações desenvolvidas nos últimos anos junto à muralha nascente, no interior da alcáçova, ilustram de forma clara as ocupações do castelo na segunda metade do séc. XII. Aos níveis estratigráficos ligados à fase posterior à conquista de Lisboa, com datação aferida por dois dinheiros de D. Afonso Henriques, seguem-se os traços da curta presença almóada e de novo, e em continuidade, os da permanência portuguesa. Após a doação de 1186, ainda que a sede pudesse ter-se fixado em Alcácer, acreditamos que a milícia terá iniciado na alcáçova a construção de uma primeira edificação destinada a servir-lhe de aquartelamento, mais do que de retiro de espiritualidade.

Em 1191 Palmela é tomada pelos exércitos de *Abû Ya'cub Yûsuf* e pela primeira vez as crónicas aludem a violência no castelo e à sua destruição pelos invasores. O comandante berbere, quando vinha de Sevilha, terá tomado Alcácer do Sal e depois Palmela. A descrição de *Ibn 'Idari al-Marrakusi*⁸ fala de rendição dos ocupantes, de saque e de arrasamento: «(...)saqueou-se o que havia no castelo de móveis, provisões, armas e apetrechos, e logo mandou al-Mansûr derrubá-lo e arrasá-lo até às suas fundações. As cábilas de escravos do exército deixaram-no negro e desabitado como a superfície do deserto, tanto que o desconhecera os olhos e o habitaram os corvos (...)». Admitindo algum exagero do relato, na verdade a arqueologia confirma a existência de níveis de incêndio e destruição junto à muralha nascente, associados à fase almóada. A identificação desta ocupação fez-se através de produções cerâmicas características, de que se destacam as anforetas pintadas, um cantil decorado a almagre (com paralelo em Alarcos) e fragmentos de talhas esmaltadas a verde com decoração impressa, uma delas com uma «mão de fátima». Foi no entanto de curta duração a permanência da última vaga berbere norte-africana em Palmela. Em 1193/94 o castelo

⁶ L. F. Oliveira, 2005: ob. cit.

⁷ «(...) ut duas partes dos cavaleiros uadant in fossado, et tertia pars remaneant in castello: et una uice faciant fossado in anno . (...)» (Cf. PMH- *Leges et Consuetudines*, 1856, p. 430).

Entenda-se aqui que se tratava de cavaleiros-vilãos, a elite de Palmela que o rei privilegiava, como bem refere Manuela Santos Silva («O Foral de Palmela de 1185», *Os Forais de Palmela. Estudo Crítico*, Câmara Municipal de Palmela, 2005, pp. 71-72).

⁸ Ibn 'Idari al-Marrakusi, *Al-Bayan al-Mugrib*, Tomo 1, Tetuán, 1953, p. 170.

foi recuperado pelos cristãos, seguramente com a participação significativa das hostes santiaguistas. O mesmo não aconteceu a Alcácer do Sal, cujo castelo os chefes almóadas decidiram transformar na sua principal praça-forte ao sul de Lisboa, dotando-a de poderosas torres e muralhas que só uma investida de grande vulto poderia ultrapassar. A partir desta data Palmela torna-se a fortaleza de fronteira na região de entre Tejo e Sado, a única com condições para protagonizar a vigilância e a comunicação entre os dois estuários, em fácil e estreita ligação a Lisboa. Esta dependência de Lisboa, valorizada por Filomena Barros⁹, colhe raízes no período muçulmano, particularmente para os sécs. XI e XII, bem evidenciada nas afinidades dos lotes cerâmicos recolhidos em contextos de Palmela e de Lisboa e, no aspecto militar, através do relato da conquista de Lisboa¹⁰. Na fase cristã mais se acentua essa tendência, ficando Palmela a partir de 1147 na alçada da diocese de Lisboa. É neste contexto que a instalação dos freires de Santiago no castelo, em plena gesta guerreira, surge como uma opção evidente. A necessidade de um local fortificado para a organização da ofensiva, para o aquartelamento das forças e para o armazenamento dos equipamentos de guerra era premente quando o avanço português se equacionava através da conquista de Alcácer.

A primitiva sede da Ordem de Santiago é habitualmente identificada com o mosteiro de Santos-o-Velho¹¹. Em 1194 foram doadas à ordem uma herdade e uma casa em Santos¹², destinadas a um futuro mosteiro, mas não está comprovado que os freires para lá se tenham mudado. Só em 1207, através de bula de Inocêncio III, é confirmada a posse da igreja de Santos à Ordem¹³. Além disso, em 1195, o bispo Soeiro I concede a Soeiro Rodrigues, comendador da Ordem de Santiago e ao prior Frei Pedro, do convento de Palmela, licença para a edificação de uma igreja nos arrabaldes de Palmela, invocando que se destinaria à sepultura de freires e dos seus homens: «*concedimus commendatori Domno Sueiro Roderici et Frati Petro Priori et omni conventui fratrum Millitiae Beati Jacobi edificandam Ecclesiam in Suburbio Palmellae ad Sepulturam fratrum et hominum suorum seu omnium populatorum supervenientium*»¹⁴.

⁹Maria Filomena de Barros, «Foral dos Mouros Forros de Lisboa, Almada, Palmela e Alcácer», *Os Forais de Palmela. Estudo Crítico*, Câmara Municipal de Palmela, 2005, pp. 27 a 29.

¹⁰ *A conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado*. Ed. de Aires Nascimento, Lisboa, 2001.

¹¹ Frei António Brandão, 1973- *Monarquia Lusitana*, I.N.C.M., Lisboa, Parte III, p. 248.

¹² *Documentos de D. Sancho I*, 1979, I: doc. 71, p. 109.

¹³ Mário Raúl de Sousa Cunha, 1991, *ob. cit.*, p. 42.

¹⁴ IAN/TT, *Mitra Patriarcal de Lisboa*, vol. 18, fl. 34. Transcrição segundo Luís Oliveira, *O Mosteiro de Santos...ob. cit.*

A construção não se efectiva e deve deduzir-se dos registos arqueológicos da alcáçova que se utilizou o castelo para esse fim nas duas décadas seguintes. É mais provável, como concluiu Luís Oliveira¹⁵, que o mosteiro de Santos tenha começado por albergar freires clérigos e viesse depois a receber as *donas*, viúvas e orfãs dos cavaleiros da Ordem. Na inquirição de 1220 surge com a designação de mosteiro¹⁶.

Outra evidência recolhe-se numa sentença apostólica de 1207, por mandado de Inocêncio III, em que se decide que a capela de Arruda ficaria para os cavaleiros de Santiago. À igreja seriam adjudicadas todas as dízimas das propriedades da Arruda «tanto as que vão para Palmela e Belmonte, como as que são destinadas à guerra»¹⁷. É o comendador de Palmela que recebe de D. Sancho I o rendimento da mina de ouro da Adiça, em 1210¹⁸. É também o comendador de Palmela, na pessoa de Martim Barregam, que em 27 de Janeiro de 1217 recebe carta de protecção para a Ordem em Portugal, da parte de Afonso II¹⁹. Há ainda que referir as citações de Palmela e do seu comendador no relato da conquista de Alcácer e em posterior carta ao papa Honório III²⁰.

Resta sublinhar, como já referimos noutros textos, que são vários os autores a reconhecerem Palmela como a cabeça do ramo português da ordem antes da conquista de Alcácer, como é o caso de Ruy de Azevedo²¹ e D. Lomax²².

Em termos arqueológicos, os comprovativos recebem-se de vários indicadores: da necrópole registada na área central da alcáçova, onde se identificaram dezasseis inumações, tendo uma delas fornecido a já divulgada insígnia da Ordem de Santiago; do estudo de alguns dos restos ósseos dos indivíduos inumados, que revelaram indicadores ocupacionais que sugerem uma relação com o Síndrome do Cavaleiro²³; da recolha, nessa área, de parte de uma cruz antefixa (cruz patada, em calcário) que poderá associar-se ao espaço religioso do convento; da identificação de uma estrutura

¹⁵ Luís Filipe Oliveira, «O mosteiro de Santos, as freiras de Santiago e o culto dos Mártires», *A Cidade e o Campo. Estudos em Homenagem à Professora Iria Gonçalves* (no prelo).

¹⁶ José Manuel Vargas, «O Património das Ordens Militares em Lisboa, Sintra e Torres Vedras, segundo uma inquirição do reinado de D. Afonso II», *Ordens Militares. Guerra, Religião, Poder e Cultura*, I. C. Fernandes (coord.), Edições Colibri-Câmara Municipal de Palmela, Lisboa, 1999, Vol. II, p. 113.

¹⁷ José Manuel Vargas, 1999, ob. cit., . 114.

¹⁸ *Documentos de D. Sancho I*, 1979, I: doc.14, pp.303-304.

¹⁹ Mário Raúl de Sousa Cunha, 1991, ob. cit., p. 44.

²⁰ *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1952, vol. 1: 187 e Monumenta Henricina, 1960: I, 45).

²¹ Ruy de Azevedo, «Período da formação territorial». *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol 1, Lisboa, 1938, pp. 61-62.

²² Derek Lomax, *La Orden de Santiago (1170 – 1275)*. C.S.I.C., Madrid, 1965: 57.

rectangular em aparelho de alvenaria que conotamos com as primeiras construções cristãs pós-islâmicas; da coerência do espólio exumado neste espaço com o recolhido em idênticos contextos de outros espaços da alcáçova e que aponta para uma cronologia de finais do séc. XII/ séc. XIII.

A partir de 1218 a cabeça conventual é transferida para Alcácer, continuando a prevalecer as razões de ordem militar na escolha. Nesta data é confirmada a doação do castelo à Ordem e, numa inquirição do reinado de Afonso II, sobre as propriedades das ordens e os direitos reais em Lisboa, Sintra, Torres Vedras e seus termos (1220-21), que inclui a relação dos bens da Ordem de Santiago Além-Tejo, o castelo é igualmente mencionado, tal como o comendador de Palmela²⁴. Durante os sécs. XIII e XIV a comenda de Palmela continuará a dispor de comendador-cavaleiro e de uma pequena guarnição, divididos entre a incumbência militar e a administração das suas terras e dos crescentes benefícios. Paio Peres Correia vem a receber de D. Sancho II os padroados das igrejas de Sesimbra, Palmela, Alcácer e, mais tarde, o das de Almada²⁵, bem como os benefícios das explorações de sal²⁶, de cereal, de vinho, de azeite, de produtos hortícolas e frutícolas, os direitos das pescarias em Almada, Sesimbra, Setúbal e Alcácer do Sal²⁷, além das dízimas e portagens. A ligação de Palmela aos proventos do estuário, referida nos documentos como porto marítimo numa lei de Afonso III (1253-54)²⁸, prolonga-se pelo séc. XIV, como se constata da renovação dos direitos da Ordem²⁹ onde se mencionam as “barcas de Palmela”.

Palmela aparece na relação das comendas da Ordem, na Chancelaria de D. Pedro I³⁰, na Crónica de D. Fernando, de Fernão Lopes, onde se informa da participação de Palmela na construção da cerca Fernandina³¹ e do ataque castelhano ao arrabalde³².

²³ Francisca Alves Cardoso, *Relatório antropológico do material osteológico proveniente do Castelo de Palmela*. Dep. Antropologia da Universidade de Coimbra, 1998, (policopiado).

²⁴ José Manuel Vargas, 1999, ob. cit., pp. 114-115.

²⁵ Alexandre Herculano, *História de Portugal*. Prefácio e notas críticas de José Mattoso, T. II, Lisboa, 1875, Liv. 5, p. 253.

²⁶ Virgínia Rau, *Estudos sobre a História do Sal Português*, Ed. Presença, Lisboa, 1984, p. 68; Joel Mata «As marinhas de sal do mosteiro de Santos nos sécs. XIV e XV». *As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa. Actas do II Encontro sobre Ordens Militares*, I.C. Fernandes (Coord.), Palmela, Lisboa, 1992, p. 206.

²⁷ Veja-se a Carta de Doação dos direitos da pescaria de Sesimbra, Almada, Setúbal e Alcácer do Sal à Ordem de Santiago, 18 de Março de 1255 (*História Florestal, Aquícola, e Cinegética. Colectânea de Documentos Existentes no arquivo Nacional da Torre do Tombo. Chancelarias Reais*, Vol I (1208 a 1438) e Vol. II (1439 a 1481), ed. de C.M.L. Baeta Neves, Ministério da Agricultura e Pescas, Direcção Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, Lisboa, 1980, Doc. 2, p. 24).

²⁸ José Mattoso, Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal (1096/1325). Ed. Estampa, Lisboa, p. 307.

²⁹ *Chancelarias Portuguesas*, D. Afonso IV, Vol. II, 1992: doc. 198, pp. 309-310.

³⁰ *Chancelaria de D. Pedro I*, 1984: doc. 295 e 300, pp. 101 e 105.

Nas primeiras décadas do séc. XIII deve ter-se erguido a igreja de Santa Maria, talvez sobre os restos de anterior templo islâmico, o que a arqueologia ainda não logrou comprovar. O templo já estava construído em meados do séc. XIII, uma vez que figura numa relação de igrejas de 1259³³ e o catálogo de todas as igrejas que havia em Portugal, de 1320-21³⁴. Também a fortificação sofreu obras de relevo, nomeadamente a construção da torre de menagem, de feição gótica primitiva, a reformulação dos acessos ao castelo, a reparação de paramentos, a construção de várias torres – incluindo a torre poente. Desconhecemos porém a exacta extensão da intervenção e do papel fiscalizador da Ordem neste âmbito.

Toda a área da alcáçova foi necessariamente reformulada mas os registos arqueológicos mostram uma continuidade intensa de ocupação desse espaço até à construção do novo convento. São abundantes as produções cerâmicas dos sécs. XIII-XIV e menos frequentes as peças mais comuns de quatrocentos.

2. O convento quatrocentista

A partir de D. João I, o mestrado da Ordem de Santiago passa para a dinastia de Avis, através da bula *In Apostolica Dignitates Speculas*, concedida pelo papa Martinho V. É nessa ocasião que o rei decide transferir a sede da Ordem de Alcácer do Sal³⁵ para Palmela, sendo mestre Mem Roiz de Vasconcelos. A *Crónica de D. João I* regista a entrega do mestrado da Ordem de Santiago a Mem Roiz³⁶ e o envolvimento da povoação e do castelo de Palmela no conflito com Castela e na revolta de 1383-85³⁷.

³¹ Leia-se, na Crónica de D. Fernando: « (...) e uns serviam por adua e outros davam certas fornadas de cal, a qual traziam à sua custa à cidade em barcas.» (*Crónica de D. Fernando*, S/D, p. 234).

³² « (...) e tanto se atreveram sem achando quem lho contradizer que foram em bateis pelo rio de Coina acima, que são três léguas da cidade e ali saíram em terra e foram queimar o arrabalde de Palmela, que são dali duas grandes léguas (...) », (*ibidem*, p. 376).

³³ *Liber ecclesiarum totius regni portugaliae de quibus dominium rex est patronus*, 1259, Gav. 19, M. 14, Doc. 7, fol. 10v e 11.

³⁴ «Catálogo de Todas as Igrejas, Comendas e Mosteiros que havia nos Reinos de Portugal e Algarves pelos anos de 1320-1321, com a lotação de cada uma delas. Ano de 1746». Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, IV, Porto, 1971, p. 90-144.

³⁵ A sede da ordem terá passado de Mértola para Alcácer e daí para Palmela, como é reconhecido numa exposição dos freires ao papa, de c. 1320, em que se afirma que aí se situava a sede do convento e se celebravam os capítulos gerais da ordem (Luís Filipe Oliveira, 2005, ob. cit., p. 475).

³⁶ *Crónica de D. João I*, 1983: II, 289.

³⁷ *Ibidem*: I: 95, 171, 222, 300, 304, 314, 320, 327, 348; II: 353, 448). Palmela aparece muitas vezes referenciada na crónica, em episódios deste conflito, nomeadamente o castelo, que terá desempenhado de novo algum papel militar. O mais conhecido é o episódio das almenaras de aviso entre Nuno Álvares Pereira e o Mestre de Avis: «Nun'Alvarez foi comer a Coina, e ali repartiu o esbulho por todos sem havendo para si parte alguma; e daí cavalgou e foi a Palmela; e quando foi de noite, mandou fazer tais almenaras de fogo de guisa que o viam os de Lisboa por saberem os da cidade que estava ele ali, e

A construção da Igreja de Santiago e do convento decorrerá entre meados do séc. XV e 1482. Frei Agostinho de Santa Maria afirma que a obra da igreja do convento se terá começado em 5 de Maio de 1443, ao tempo em que o mestrado se encontrava nas mãos de Infante D. João, filho de D. João I³⁸. J. C. Vieira da Silva, que analisou detalhadamente esta igreja³⁹, cita Fray Jeronimo Román para as razões de transferência do convento de Alcácer para Palmela: «(...) *se mudasse el convento para el alcacer de Pallmela, que era la caveça de la encomienda mayor (...)*»⁴⁰ e acrescenta a disponibilidade de espaço intra-muros como uma vantagem para a localização da nova sede conventual⁴¹. As obras de edificação da igreja e do convento decorreram lentamente, por cerca de mais quarenta anos, demora motivada por questões de natureza política e militar, como seja a guerra com Castela. Frei Agostinho de Santa Maria refere-se ao prosseguimento dos trabalhos durante o mestrado do Infante D. Fernando, filho de D. Duarte, admitindo que o convento se concluiu mas que as últimas obras, das oficinas do convento, só ficaram prontas sob o mestrado do príncipe D. João, filho de D. Afonso V⁴². É peremptório ao afirmar que os freires passaram «*de hua parte para a outra a vinte & seis de Outubro do anno de 1482 (...)*»⁴³, dia em que, ainda segundo Román, se rezaram na igreja as primeiras matinas⁴⁴.

A Igreja de Santiago apresenta planta rectangular, cabeceira também rectangular⁴⁵ e três naves definidas por arcos quebrados assentes em pilares. Na fachada abre-se um portal inserto em painel saliente e encimado por um óculo, segundo Serrão e Meco reveladora do «*extremo sintetismo entre a austeridade e a busca de um espírito de missão cavaleiresco*»⁴⁶. A iluminação fazia-se por frestas no corpo principal, pelo

tomarem algum esforço. E certamente assim foi de feito, que o Mestre, quando viu aquelas almenaras de fogo em palmela, bem entendeu que era Nun' Alvarez que ali estava com suas gentes e houve mui grande prazer, ele e todos aqueles que o viam; e mandou acender muitas tochas no grande eirado dos Paços d'el Rei onde então pousava, para as verem de Palmela e lhe dar a entender que via suas almenaras» (304)

³⁸ Frei Agostinho de Santa Maria, *Historia Tripartita*. Off. Antonio Pedrozo Galram, 1724, Lisboa, p. 256.

³⁹ Depois de Virgílio Correia e de Mário Tavares Chicó, deve-se a José Custódio Vieira da Silva, nos anos oitenta, a leitura artística da Igreja de Santiago de Palmela. Vejam-se, do autor, *A Igreja Conventual da Ordem Militar de Sant'Iago em Palmela*, 1983, policopiado e o texto incluído na obra *O Fascínio do Fim: «A Igreja de Santiago da Espada de Palmela»*, 1997, pp. 61-74, onde retoma o que escreveu em 1983.

⁴⁰ José Custódio Vieira da Silva, 1983, ob. cit., pp. 2 e 27.

⁴¹ José Custódio Vieira da Silva, 1997, ob. cit., pp. 61-62.

⁴² Frei Agostinho de Santa Maria, ob. cit., p. 257.

⁴³ *Ibidem*, p. 257.

⁴⁴ José Custódio Vieira da Silva, 1997, ob. cit., p. 63.

⁴⁵ Inicialmente teria dois tramos com possível remate poligonal (Cf. Vítor Serrão e José Meco, *Palmela Histórico-Artística. Um inventário do património artístico concelhio*, Edições Colibri-Câmara Municipal de Palmela, 2007, p. 140).

⁴⁶ Vítor Serrão e José Meco, ob. cit., p. 131.

óculo da fachada e por um segundo óculo sobre o arco triunfal. A matéria-prima utilizada na construção foi o brando calcário local. J. Custódio Vieira da Silva classifica esta igreja como um notável exemplar da arquitectura tardo-gótica portuguesa, caracterizado pelo despojamento formal e decorativo, que liga dalgum modo à personalidade do infante do D. João, a quem se deve a iniciativa da construção, e ao ressurgimento da ideologia da cavalaria no Portugal quatrocentista⁴⁷. Identifica no edifício que hoje subsiste, e que se limita à igreja, elementos arcaizantes a par de elementos de clara modernidade. Esses elementos arcaizantes são por exemplo reconhecidos no sistema de iluminação, no pano saliente do portal principal, na abóbada de berço quebrado da nave central. Já a concepção espacial e a simplificação dos pilares são entendidas como notas de modernidade⁴⁸. Paulo Pereira reconhece a grande originalidade do templo conventual de Palmela. A iconofobia que o caracteriza e a linha estrutural adoptada levam-no a compará-lo aos templos dodecentistas e trecentistas de Cister, falando mesmo de um «*revivalismo das formas puras e rigoristas da primeira dinastia*»⁴⁹.

No tempo de D. Jorge, filho bastardo de D. João II e último mestre da Ordem, o patrocínio artístico nos edifícios religiosos sob administração da Ordem de Santiago foi largamente incrementado, como nos é demonstrado pelos relatos das visitas. Sobre a análise das fases manuelina e posteriores da igreja, dispomos hoje do estudo de Vítor Serrão e José Meco⁵⁰. Defendem os autores que no período tardo-gótico, como no manuelino, os programas artísticos promovidos pela Ordem evidenciam uma vinculação aos antigos ideais de cavalaria, reconhecendo a existência de uma uniformização estilística que, no tempo de D. Jorge, se afirma como uma «*estratégia de modernidade (...) e de superação(...) do figurino gótico (...) ao modo italiano*»⁵¹.

No tempo do último mestre, o convento e a igreja beneficiaram de melhoramentos e sofreram alterações, como se disse. Ao nível da capela-mor identifica-se o acrescento de mais um tramo aos dois já existentes, verificando-se, na visão de Vieira da Silva, que «*o contraforte exterior disposto obliquamente, se devia situar no ângulo formado pela parede lateral com a parede testeira*»⁵². O coroamento de

⁴⁷ José Custódio Vieira da Silva, 1983, ob. cit., p. 20 e 22; 1997, ob. cit., 72-73.

⁴⁸ *Idem*, 1997, p. 71-72.

⁴⁹ Paulo Pereira, «*Do modo Gótico ao Manuelino (séculos XV-XVI)*», História da Arte Portuguesa, Vol. II, Círculo de Leitores, Lisboa, 1995, p. 29.

⁵⁰ Vítor Serrão e José Meco, *ob. cit.*

⁵¹ Vítor Serrão e José Meco, *ob. cit.*, p. 36.

⁵² José Custódio Vieira da Silva, 1983, ob. cit., pp. 9 e 14

merlões, o coro alto, a abóbada do tramo que inclui a porta lateral, o arcosólio manuelino, a capela de N. Sr^a da Conceição junto à sacristia são também atribuídos a este período. Ao nível do recheio artístico, a principal encomenda foi o notável *Retábulo da Vida e da Ordem de São Tiago*, para o altar-mor da igreja, em que participou o chamado Mestre da Lourinhã e talvez Gregório Lopes⁵³

Quanto aos edifícios que compunham o convento propriamente dito, pouco se sabe. Vieira da Silva defende que inicialmente se desenvolveria a partir da cabeceira da igreja, onde realmente resta um conjunto edificado mas que terá sido muito alterado⁵⁴. No séc. XVI constroem-se os dois miradouros, ainda existentes, e as dependências do Paço de D. Jorge e acrescentes na casa do Prior. A visitação de 1510 acusa o mau estado das oficinas e leva o mesmo autor a considerar que o primeiro convento quinhentista disporia de modestas instalações, tão modestas que os capítulos gerais se realizavam na igreja.

Uma planta dos fundos da Biblioteca Nacional, que pode ser anterior a 1699 e que recentemente tivemos a oportunidade de analisar, apresenta-se-nos como a mais antiga traça conhecida do convento⁵⁵ (Fig. 1). A legenda que acompanha a «Planta do Castello da villa de Palmella» fornece curiosos pormenores, confirmando por um lado as informações que mais tarde Caetano de Sousa nos transmite, mas fornecendo algumas novidades, nomeadamente em relação à Praça de Armas⁵⁶. Porém, o aspecto que nos merece maior atenção prende-se com a demarcação do «Convento dos Freires», que nesta altura – presumivelmente a segunda metade do séc. XVII – estava a ser construído de novo, segundo um projecto de Filipe Térzio, seguramente com alterações de Baltazar Álvares, o primeiro arquitecto a dirigir a obra. Das nossas anteriores reflexões, baseadas nos dados documentais, na arqueologia e na análise da planta de 1781, subsistiam dúvidas sobre a coincidência do espaço do convento quatrocentista com o do novo convento. Esta planta vem trazer uma nova luz à questão, consolidando a nossa ideia inicial: apresenta-nos uma traça trapezoidal que devia corresponder

⁵³ Vítor Serrão e José Meco, ob. cit., pp. 147-149.

⁵⁴ *Idem*, 1983, p. 31.

⁵⁵ *Livro de várias plantas deste Reino e de Castela [entre 1699-1743]*, de João Tomás Correia, B.N., fls. 8v-9. Foi José Manuel Vargas que nos alertou para a existência deste exemplar, observando que só há datações a partir do fl. 43, entre 1699 e 1743, o que poderá indiciar uma cronologia anterior para esta planta.

⁵⁶ Os quartéis, que em 1781 são assinalados como estando em ruínas, têm aqui funcionalidades bem especificadas: do lado norte localizam-se cinco «quartéis de soldados» no piso térreo e cinco no piso superior; no lado sul havia outros cinco no piso térreo mas o piso superior destinava-se à habitação do governador do castelo. Na actual torre do turismo ficava a «Vedoria da Fortificação» e a torre das transmissões correspondia à «Casa do Apontador do Governador».

sensivelmente à primitiva estrutura, encostada à muralha norte e deixando em aberto um vasto espaço a sul e a poente. Serrão e Meco consideraram também esta localização, referindo que são visíveis nos paramentos da muralha norte os traços do antigo convento⁵⁷.

A Igreja de Santiago seria servida de um átrio, mencionado na descrição da visita de Filipe II, em 1614⁵⁸. As instalações de D. Jorge, contíguas à igreja pelo sul, eram formadas por salas de pequenas dimensões com abóbadas arzoasadas de ogivas primárias e secundárias e, tal como o corredor que acompanha a parede sul da igreja até à capela do prior Paulo de Paiva e à sacristia, tal como o terraço de baixo e o terraço ou miradouro de cima, que termina numa pequena sala, conservam-se ainda hoje, segundo cremos, com a repartição original. No espaço fronteiro da igreja, de acordo com as recentes escavações arqueológicas, não haveria edificações no séc. XV e, no séc. XVI, é provável que alguma tenha existido mas não é seguro admitir o facto pelos comprovativos arqueológicos. Vieira da Silva refere-se à provável localização nesse espaço da *Caza do Antecoro*, mencionada aquando da passagem do mestrado para as mãos de D. João III⁵⁹.

O interior da igreja de Santiago era então escolhido como local de sepulcro de mestres, cavaleiros e priores-mores da Ordem e de outros ilustres. As inscrições funerárias dos seus túmulos foram transcritas por Cordeiro de Sousa⁶⁰ e algumas lidas anteriormente por Dodgson⁶¹ e por Marques da Costa.

O *Regimento do Convento de Palmela*, de 1547, outorgado pelo mestre D. Jorge⁶², fornece-nos um conjunto significativo de informações sobre a vida do convento, permitindo-nos uma aproximação à paisagem quotidiana da *casa* e dos seus habitantes. O prior-mor superintendia a todas as normativas espirituais e administrativas do convento. Entre os freires eram eleitos o sacristão, o celeireiro, o escrivão, o apontador, o mestre de noviços, o hospedeiro, o boticário e o encarregado do relógio. Havia ainda o mestre de gramática, o tangedor de orgãos e o físico. Outras funções eram

⁵⁷ Vítor Serrão e José Meco, ob. cit., p. 152.

⁵⁸ Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho -25/17 (237 fls), fol. 6 a 9 v.- *D. João V visita o convento (1711)*, Notícia escripta por Baltazar José Gaspar, freire capitular e escrivão do cartório, vide «Livro de Copos do Convento da Ordem de Santiago de Palmela», p. 483.

⁵⁹ José Custódio Vieira da Silva, 1983, ob. cit., p. 39.

⁶⁰ J. M. Cordeiro de Sousa, «As inscrições do Castelo de Palmela». Separata da *Revista de Arqueologia*, Vol. III, Lisboa, 1937, pp. 3-14.

⁶¹ Eduardo Spencer Dogson, «Inscrições latinas e portuguesas». *O Arqueólogo Português*, vol. XIX, Imprensa Nacional, 1914, Lisboa, pp. 284-289.

⁶² Maria Cristina Pimenta, *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média. O Governo de D. Jorge*, Câmara Municipal de Palmela, 2002: 289-300

repartidas por leigos, por vezes da vila de Palmela, referindo-se a amassadeira, a lavandeira, o cozinheiro, o barbeiro, o alfaiate, o sapateiro, o pedreiro, o carpinteiro, o azemel. Era, porém, proibido a qualquer mulher entrar «*das crastra para dentro*»⁶³. Esta menção das «crastra» deverá indiciar a existência de um claustro no convento.

A Igreja de Santiago mantinha permanentemente o sacrário iluminado por uma lâmpada e, em missas importantes, acendiam-se círios ou tochas, além das comuns velas. Ao longo do ano, várias procissões solenes mereciam particular atenção dos freires e podiam contar com um percurso da vila até ao convento: na Páscoa, no *Corpo de Cristo*, na festa do patrono S. Tiago. Menciona-se um *miradoro contra Cetubal* que deve corresponder à varanda da casa do prior-mor assinalada na planta do séc. XVIII. Diz o regimento⁶⁴: «*Item quando de dia se abrir a porta do dormitorio se abra tambem a do miradoro contra Cetubal e esteja aberta de dia para os freires ahy poderem chegar para sua recreação, reçalvando o tempo do silencio, segundo a ordenança do Dom Prior.*» O dormitório era alumiado por uma lâmpada de azeite durante toda a noite e, no inverno, podiam ter *fogueiras* acesas em permanência «*para se esquentarem*».

É ainda o Regimento de 1547 que nos elucida que as pequenas obras de que o convento necessitasse, sobretudo as reparações comuns, faziam-se a mandado do Dom Prior, a expensas da *fabrica*. As de maior envergadura exigiam a decisão do mestre. Sabemos que, em finais do séc. XVI, as instalações conventuais se encontravam em mau estado. Um Alvará Régio de 1562, de 3 de Dezembro, ao tempo em que era prior-mor D. Diogo de Gouveia, ordena a continuação das obras iniciadas por D. Jorge, prevendo-se a conclusão da parte do dormitório e demais oficinas⁶⁵.

Por volta de 1553, depois da morte de D. Jorge, o convento esteve para ser transferido de Palmela para Setúbal, enquanto durassem as obras. No documento de criação das novas freguesias desta vila, dessa data, diz-se: «*manda Sua Alteza que se faça desta freguesia (de Sta. Maria) uma outra em S. Sebastião em Palhaes (Praça de S. Bernardo) para honde se há-de mudar o Convento de Palmela.*»⁶⁶. Neste pedido insistem os freires durante todo o séc. XVI, sem que lhes seja concedida autorização.

⁶³ Maria Cristina Pimenta, 2002, p. 296.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 294.

⁶⁵ Lázaro Leitão Aranha, 1731, *Mesa das Três Ordens Militares de Cristo, S. Thiago e Aviz, Livro III dos Privilégios de Filipe II*, B.N.L., Cod. 10888-90, fl.78,83, 85/86.

⁶⁶ Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho - 32 A/25 - fl. 25.

Um orçamento do convento para o ano de 1567⁶⁷ é também um precioso auxiliar para a identificação de espaços funcionais e fornece algumas pistas relativamente ao edifício depois dessas obras do tempo de D. Jorge e de D. Diogo de Gouveia. É citada uma escada para o dormitório, denunciando a existência de um piso superior. Também se identifica um miradouro, o *miradouro de cima*, além do *miradouro inferior*. Fala-se também da crastra e do terreiro da portaria, portaria esta que dispunha de mais que uma porta. A sacristia, o coro, os sinos, uma capela do Espírito Santo, o ferrolho e os pesos do relógio são as menções ligadas à Igreja de Santiago. Da parte conventual referem-se, além do dormitório, com celas servidas de janela, o refeitório, a cozinha, a adega, o palheiro, a caldeiraria, o celeiro, a crastra da carne, a cisterna. Através do mesmo documento verificamos que para a manutenção do complexo e do seu quotidiano trabalhava gente de fora, ligada a variados ofícios: pedreiros, carpinteiros, tanoeiros, lavadeiras, costureiras, alfaiates, carregadores.

Conforme observa J. Mata⁶⁸, a partir do momento em que o mestrado da Ordem de Santiago passou a pertencer a D. João III, o orçamento do convento melhorou substancialmente, verificando-se que uma boa quota parte das despesas se relacionava com o conforto e a higiene dos freires, moços e prior, desde o pano de linho para as sobrepelícias, o conserto de capas, o pano e a execução de toalhas, lençóis e colchões, à lavagem da roupa de cama e à compra de alguidares para “*ensaboar os corporais*”.

É de finais de quinhentos (1589) a descrição de Fernão Lobo Rodrigues Soropita, quando viaja de Lisboa para a margem sul, arredando-se da chegada dos ingleses. Refere que o convento se localizava numa «*ventrêcha do castello, e d'ahi joga de ambas as mãos para Setubal e Lisboa*», o que sugere a implantação do edifício numa das extremidades do cerro. Alude-se também a uns aposentos separados para cavaleiros da ordem (Anexo 1).

A filiação da Ordem de Santiago ao poder real coloca-a, a partir de 1580, na condição de administrada directamente pela coroa de Espanha. As intenções de protecção e de reparação do seu património mantêm-se mas os investimentos são escassos e, conseqüentemente, as obras não progridem e motivam repetidas insistências por parte da Ordem.

⁶⁷ Joel Silva Ferreira Mata, «O orçamento do convento de Palmela para o ano de 1567. Sua afectação». *Rev. Lusíada*, Universidade Lusíada, 202, pp. 175-202.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 179.

3. O convento dos séculos XVII- XVIII

A construção do último convento

Uma consulta da Mesa da Consciência e Ordens, de 1596, a Filipe II, expressa a necessidade de se realizarem as obras de um novo convento em Palmela, tal a ruína em que o existente se encontrava⁶⁹ (Anexo 2). A reforma dos conventos de Avis e de Palmela e medidas relativas à administração do de Palmela são objectivos das visitas encomendadas a D. Frei Jorge, Bispo de Fez, no ano de 1603 (Anexo 3). Uma delas reporta-se ao suposto mau governo da casa conventual pelo então prior-mor Fernão Gonçalves, que é de imediato substituído no cargo por Simão da Costa, prior de Aldegalega (Anexo 4). O dispêndio de 59735 reis da fábrica do convento é autorizado para obras na portaria e na torre dos sinos, pedidas pelos freires⁷⁰. Uma Carta Régia de 1607 evoca a aplicação de 7 ou 8 mil cruzados dos rendimentos das quatro comendas de Riba-Tejo da Ordem de Santiago na reedificação dos dois conventos, percebendo-se a intenção de levar a efeito uma obra profunda que já não passa pela mera reparação do antigo edificado⁷¹. O arquitecto régio e mestre de obras das Ordens de Santiago e de Avis, Filipe Térzio, será incumbido oficialmente, em 1610, de projectar a nova traça, embora pareça certo que já se debruçava sobre este trabalho desde 1596⁷².

Para o período entre 1612 e 1616 temos documentadas, nos livros da Mesa da Consciência e Ordens, obras relevantes no convento de Santiago e na Igreja de Santa Maria⁷³. Baltazar Álvares, arquitecto régio e das ordens em substituição de Filipe Térzio, reconhece a ruína e a falta de condições das instalações conventuais e apoia a recomendação de avançar com as obras nos dormitórios e aposentos dos freires⁷⁴. Após o pregão e a análise dos lanços, a obra é entregue, em 1614, aos mestres pedreiros lisboetas Estácio Correia, Diogo Vaz e Manuel Quaresma, da equipa de empreiteiros de Baltazar Álvares. Estar-se-ia em pleno decurso da empreitada quando Filipe II visitou

⁶⁹ Sousa Viterbo, 1988, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, I.N.C.M., Lisboa, III, 99-100.

⁷⁰ Colecção Cronológica de Legislação Portuguesa (1603-1612), 1854, Carta Régia de 30 de Outubro de 1603, p.30.

⁷¹ Colecção Cronológica de Legislação Portuguesa (1603-1612), 1854, Carta Régia de 21 de Agosto de 1607, p.196.

⁷² Sousa Viterbo, 1988, ob. cit., p. 99 e 100.

⁷³ IAN/TT, *Mesa da Consciência e Ordens*, Livº 3, 1612: fl. 84v.

⁷⁴ IAN/TT, *Mesa da Consciência e Ordens*, Livº 3, 1612: fl. 84v, à esquerda, Despacho Real de 23 de Julho de 1612.

Portugal, em 24 de Junho de 1614, e se alojou no Castelo de Palmela, onde celebrou capítulo e foi recebido com honrarias⁷⁵ (Anexo 5).

A partir de 1629 Mateus do Couto sucede a Baltazar Álvares e, em 1699, será a vez do sobrinho do primeiro assumir o cargo⁷⁶. Um e outro poderão ter introduzido alterações à traça original do convento, durante o longo período de duração das obras.

Ao tempo de Filipe III, acentuada a crise política e concentrando-se os recursos na guerra do Brasil, pouco avançaram os trabalhos, como se deduz da carta régia de 28 de Setembro de 1628, dirigida ao prior-mor D. Diogo Lobo, em que se solicitam informações sobre o andamento das obras do convento e se sublinha de novo a urgência das mesmas por via da precariedade das instalações onde se albergavam os freires⁷⁷. Mesmo depois da restauração, a documentação revela o prolongamento da inércia da obra⁷⁸, apenas pontuado de algumas acções de reparação em 1665, durante o mestrado do prior-mor D. Manuel de Noronha⁷⁹. Terá sido neste terceiro quartel do séc. XVII que se D. Jerónimo de Brito e Melo terá patrocinado na igreja o douramento com “ferronerie” e se terá procedido à abertura dos janelões rectangulares na capela-mor e à aplicação de azulejaria de tapete, azul e amarela⁸⁰. Foi preciso esperar pelo final do século para, em 1696⁸¹, prosseguir a edificação de que só se tinham concluído, na década de vinte, uma parte do convento, dois dormitórios e o claustro. Pela planta de Tomás Correia, atrás citada, concluímos que em finais de seiscentos ainda não tinha tido lugar o alargamento do corpo para sul, ocupando a área fronteira da igreja e permitindo-lhe definir a planta rectangular que se regista no desenho de Caetano de Sousa.

D. Jorge de Melo, prior-mor, insiste, nos anos de 1699 e 1700, em solicitar ao rei autorização para transferir a ordem para Setúbal enquanto duram os trabalhos, mas o seu pedido não é deferido⁸². Foi uma obra lenta e desgastante, desconhecendo-se detalhes sobre a última fase e a data precisa da sua conclusão.

⁷⁵ João Batista Lavanha, *História da Viagem da Católica Real Magestade del Rei D. Filipe II Nosso Senhor ao Reyno de Portugal e Rellação do Solene Recebimento que nelle se fez*, Thomas Junti, Madrid, 1622, p. 75; João Sardinha Mimoso, *Relacion de la Tragicomedia com que los Pes de la Companhia de Jesus en su collegio de s. anton en Lisboa reciberan a D. Felipe 2º de Portugal*, fl. 162 v; Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho -25/17 (237 fls), fol. 6 a 9 v.- D. João V visita o convento (1711), ob. cit.

⁷⁶ *Ibidem*, III, fls. 162 e 257.

⁷⁷ José Custódio Vieira da Silva, 1983, *op. cit.*, doc. 2.

⁷⁸ Lázaro Leitão Aranha, 1731, ob. cit., fl. 86.

⁷⁹ José Custódio Vieira da Silva, 1983, ob. cit., doc. 3.

⁸⁰ Vítor Serrão e José Meco, ob. cit., p. 130 e 140.

⁸¹ IAN/TT, Chancelaria da Ordem de Santiago: Liv. 24, fls. 23v e 24.

⁸² *Ibidem*, fl. 78 e 83.

É desta derradeira fase da obra, de finais do séc. XVII- inícios do XVIII, a substituição do antigo retábulo quinhentista da igreja de Santiago por um retábulo de talha barroca, ao Estilo Nacional, da autoria do mestre António Rodrigues, a pavimentação em pedraria policroma e os embutidos ao estilo de João Antunes, bem como o revestimento azulejar azul e branco. Esta campanha de obras, que se presume da responsabilidade de João Antunes, terá abrangido outras dependências do convento⁸³.

A notícia do escrivão do cartório, Baltazar José Gaspar (Anexo 6) é de alguma minúcia, enunciando as diligências do prior-mór D. José Pereira de Lacerda, a composição da comitiva e descrevendo as formalidades da recepção e o cerimonial à entrada da Igreja de Santiago e no seu interior. Refere-se a visita do rei à grande livraria, às celas dos freires, a todo o edifício, o que lhe terá permitido uma avaliação precisa da necessidade de novas instalações.

Em 24 de Junho de 1711, D. João V deslocou-se ao convento, com vasta comitiva real, por ocasião de uma estada em Azeitão, por motivos de saúde, sendo recebido com grande cerimonial. A notícia do escrivão do cartório, Baltazar José Gaspar (Anexo 6) é de alguma minúcia, enunciando as diligências do prior-mor D. José Pereira de Lacerda, a composição da comitiva e descrevendo as formalidades da recepção e o cerimonial à entrada da Igreja de Santiago e no seu interior. É de crer que já então as obras se encontravam terminadas, uma vez que se refere a visita régia a todo o edifício do convento e se alude a vários espaços que encontram nele correspondência: a casa da tribuna, a sala grande da livraria, as celas dos freires, o átrio anterior à porta da Igreja de Santiago⁸⁴ (Anexo 6). Foi no priorado de Lacerda que teve lugar a obra de pintura de brutescos, entalhe e douramento do arco da capela-mor e dos altares, orçada em 900.000 reis, além da execução de um órgão acharoadado, de uma capela-oratório e de obras no refeitório do convento⁸⁵. Os detalhes dos epigramas e dos emblemas pintados no tecto da igreja constam do *Livro dos Copos*⁸⁶.

⁸³ Vítor Serrão e José Meco, *ob. cit.*, pp. 130, 155 e 156. Para outras informações artísticas relativas à Igreja de Santiago consultar, da mesma obra, pp. 128-152.

⁸⁴ Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho, 25/17 - fl. 6 a 9 v.

⁸⁵ TT, *Livro dos Copos*, doc. 333, 1716, fl. 469, in *Militarium Ordinum Analecta*, 7, Livro dos Copos, Vol. I, dir. L. Adão da Fonseca, Fundação Eng. António de Almeida, 2006, p. 674; Vítor Serrão e José Meco, *ob. cit.*, p. 130 e 144;

⁸⁶ TT, *Livro dos Copos*, *ob. cit.*, pp. 674-676.

Há notícia de que, por volta de 1724, o convento de Palmela albergava 25 freires, além do prior-mor, sendo 14 de ração inteira e 11, os moços de coro, de meia ração. Havia ainda mais dois "acrescentados" pela rainha D. Catarina, mulher de D. João III⁸⁷. Informa-nos também este autor que a 26 de Fevereiro se rezava no convento a Dedicção da Igreja de Santiago, imitando o convento de S. Marcos de Leão e a tradição de antes da separação de Castela⁸⁸.

De menor monta foram as obras no convento da iniciativa do prior João Pereira Gama, nos anos trinta. Em meados de setecentos, no fim do reinado de D. João V, outras intervenções terão ocorrido, sob a direcção do architecto Rodrigo Franco, nomeadamente no refeitório, e é nesta altura que se instala na torre da igreja o relógio fabricado em Liège⁸⁹.

Na sequência do sismo de 1755, o convento sofreu danos que motivaram a transferência temporária dos freires para a Quinta dos Caracois, freguesia de S. Pedro de Palmela⁹⁰. As reparações ficaram a cargo dos mestres Pêro Lourenço e Luiz Santos⁹¹. Para finais de setecentos (1796) há referência à concessão das casas situadas em frente à Igreja de Santiago a um Joaquim de Oliveira. Deve tratar-se dos edifícios mencionados por Soropita, os *aposentos de fora* destinados a cavaleiros da ordem. Desconhecemos quaisquer traços materiais destas construções.

De 1781 é a «*Planta Geral da Fortificação Antiga e Moderna de que se Compoem o Castello de Palmella com todos os mais Edifícios Compreendidos dentro das mesmas Muralhas sendo o mais Principal o Convento Cabeza da Ordem dos Cavalleiros profeços na Ordem de Santiago da Espada (...)*», da autoria de Manoel Caetano de Souza, encomenda de D. Maria I. Através deste precioso documento iconográfico verificamos na Igreja de Santiago o já citado alargamento da capela-mor. O altar-mor observa-se enquadrado entre três colunas de cada lado e por detrás dele desenha-se um compartimento octogonal que o autor da planta legendou como *camarim* e que foi destruído para a execução de sanitários em época recente. Uma escadaria contorna este recinto pelos três lados não contíguos à cabeceira da igreja e por ela se deveria aceder a um piso superior. Localiza o túmulo de D. Jorge junto ao contraforte

⁸⁷ Frei Agostinho de Santa Maria, ob. cit, p. 258.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 257-258.

⁸⁹ Vítor Serrão e José Meco, ob. cit., pp. 130, 155 e 156. Para outras informações artísticas relativas ao convento setecentista e oitocentista consultar, da mesma obra, pp. 152 a 160.

⁹⁰ António Matos Fortuna, *A Igreja de S. Pedro de Palmela*, Palmela, 1991, p. 1.

⁹¹ Sousa Viterbo, 1992, *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, I.N.C.M., Lisboa, p. 220-22.

oblíquo da capela. No segundo tramo da nave lateral sul situava-se a capela do Santíssimo Sacramento, obra que deve atribuir-se à centúria de setecentos e que foi demolida durante os primeiros restauros da DGEMN.

Manuel Caetano de Sousa é minucioso na representação e legendagem dos dois pisos do convento. Identifica o *corredor antigo que vai para a sacristia* desembocando, dum lado, na Capela de N. Sr.^a da Conceição e na sacristia e, do outro, no convento, sem ligação ao pátio da igreja. Pelo exterior, todo este conjunto dava para a *grande varanda* virada a Setúbal, servindo o quarto do Prior-Mor e à qual não se tinha acesso a partir da igreja ou do convento. Entre a varanda e o convento indicam-se algumas dependências hoje inexistentes: a casa de um moço do refeitório, a cloaca dos moços, o cárcere e a escada para o *côro de cima*.

Do corredor da sacristia acedia-se, por uma pequena escada, à Casa *Deprofundis*, sala que precedia o refeitório e onde se rezava o salmo "*deprofundis*". O refeitório era o maior espaço do convento, mantendo-se a planta ainda hoje inalterada. A *Ministra* permitia a ligação directa à *Casa de Guardar a Louça* e à cozinha. A área entre a cozinha e a torre poente era ocupada por um quintal, por um pátio da lenha, por um palheiro e uma cavalaria. Na torre encontravam-se instaladas as cloacas, a que se acedia por uma passagem junto à muralha e uma escada de ligação ao convento.

Todo o piso térreo, para além das dependências referidas e do claustro, estava destinado a áreas de serviço e armazenamento, incluindo celeiros para o trigo e cevada, os celeiros de partição, as arrecadações para o azeite, as galinhas, a lenha e ainda a casa do cozinheiro e quatro pequenas cavalariças particulares. No piso superior localizavam-se as dependências principais: as celas (de noviços, do mestre de noviços e de freires não capitulares), três salas de hospedaria, a livraria e a casa do cárcere, o cartório e a casa do capítulo.

No exterior assinala-se um escadório, correndo até às paredes da Capela do pátio defronte à entrada principal. O acesso do convento ao exterior fazia-se, como actualmente, pela *Portaria do Côro*. A alusão ao claustro é particularmente importante porquanto Manuel Caetano de Sousa distingue as *naves do claustro antigo e incompleto da nave do claustro principiado de novo*.

Relativamente à funcionalidade dos espaços, vários dos mencionados no Regimento do Convento de 1547⁹² mantinham-se no séc. XVIII: igreja, sacristia, coro,

⁹² Maria Cristina Pimenta, ob. cit., p. 130.

dormitório, refeitório, cozinha, hospedaria, cartório. Não encontramos porém qualquer referência à botica ou à enfermaria, existentes no séc. XVI.

O processo de degradação do convento no séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX e as primeiras acções de restauro

O final do século XVIII é marcado por perturbações sociais e defraudações do património religioso. Mais tarde, com a legislação liberal de extinção das ordens religiosas, os freires do convento de Palmela são instados a fornecer a relação dos bens do cartório, do convento e da igreja⁹³. A descrição então apresentada mostra-nos a igreja e o convento oitocentistas antes do abandono e da delapidação que se lhe seguiram: «*Um convento com grande ruína que consta de dois dormitórios divididos em três corredores cada um, 23 celas habitáveis e 2 inabitáveis, cozinha, dispensa, casa do refeitório, casa de profundis e mais acomodações relativas; 6 armazéns que ocupam toda a grandeza do convento; cavalaria e palheiro com umas casas contíguas que eram residência do extinto Prior-Mor, contando em si muitas acomodações(...)*(fl. 3) *uma igreja grande com duas naves firmadas em oito colunas de alvenaria, um pulpito fixo a uma coluna, um coro alto e outro baixo na capella mor, cinco altares, dois coretos cada um com seu órgão; nove imagens em vulto de diferentes tamanhos e um relógio; uma sacristia com suas pinturas no pavimento (...)*» (*ibid.*: fl.3v).

O castelo está agora sob a tutela do Ministério da Guerra, dependendo, em termos de obras, também do Ministério do Reino. Algumas notícias de avaliação de estado e de potencialidades de uso, da autoria de militares, são conhecidas para o período entre 1811 e 1870. É neste período, em 1855, quando Palmela perde o estatuto concelhio e se incorpora a Setúbal, que o Ministério da Fazenda decide pela doação do sino principal da Igreja de Santiago a uma confraria de Lisboa. Tal posição irá suscitar fortes protestos da população, que considerava o sino milagreiro, acabando o governo por ceder às pretensões locais⁹⁴. Uma década depois a Associação dos Architectos Civis

⁹³ TT, MNEJ, 1823: maço 248, nº 1, cx. 200.

⁹⁴ Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho-22/85 (12 fls), fol.1 e seg., Liv. Reg. Tombo da Câm. Mun. Setúbal, p. 158, Arq. Câm. Mun. Setúbal, *Sobre o sino da Igreja do Convento de Santiago-1855*.

e Arqueólogos Portugueses inclui a Igreja de Santiago do Castelo de Palmela numa lista de monumentos a classificar⁹⁵, embora a classificação só se efective em 1910⁹⁶.

A intervenção de restauro no castelo de Palmela, da iniciativa da DGEMN, ocorrerá cedo, logo após a criação deste organismo, a partir de 5 de Junho de 1933, com a obra entregue ao empreiteiro Cipriano Ferreira⁹⁷. A primeira etapa dos trabalhos incluiu o restauro parcial da igreja de Santiago, seguindo critérios de recuperação da traça medieval do edifício, o que conduziu ao sacrifício de edificadros modernos. É o caso da Capela do Santíssimo Sacramento, na ala norte da igreja e a substituição dos janelões rectangulares por frestas. Também no interior houve reformulações ao nível dos ornatos. No altar-mor, os azulejos e as colunas em mármore, com embutidos, foram retirados.

À excepção de alguma intervenção de consolidação, o convento propriamente dito não foi contemplado pela DGEMN com qualquer programa de restauro, prosseguindo o seu processo de degradação até à execução do projecto de adaptação a pousada, nos anos setenta do séc. XX.

A intervenção arqueológica no pátio fronteiro à Igreja de Santiago

Em 2003, na sequência da intenção de obras de remodelação e adaptação da pousada⁹⁸, teve lugar uma intervenção arqueológica na área do pátio fronteiro à Igreja de Santiago.

Através desta escavação arqueológica, foi possível confirmar o que já se observara de fotográficos das obras dos anos 70, ou seja, que boa parte da área do pátio, particularmente junto às paredes do actual edifício, foi esvaziada e depois entulhada de novo, o que justifica a grande mistura de materiais dos sécs. XVII a XX. Concluiu-se também que o novo convento da Ordem de Santiago, construído entre a segunda metade do séc. XVII e o início do séc. XVIII, não aproveitou anteriores estruturas neste espaço e sofreu várias obras de remodelação ao longo dos sécs. XVIII e XIX. Como referimos anteriormente, boa parte das dependências do convento do séc. XV coincidiria espacialmente com a área do convento moderno, mas este pátio foi, numa primeira fase,

⁹⁵ Portaria do MOP, de 24.10.1880, *Monumentos Nacionais. Conselho Superior dos Monumentos Nacionais*, Typ. do Dia, Lisboa, 1900.

⁹⁶ MOPCI-CMN, *Classificação dos Monumentos Nacionais*, 1909: 24-25.

⁹⁷ Arq. DGEMN- CP, 25.6.1933.

⁹⁸ As obras seriam levadas a cabo pela Enatur, com projecto da DGEMN.

um espaço isento de construções. Efectivamente entre o espólio recolhido predomina o dos sécs. XVII a XX, ocorrendo apenas pontualmente cerâmicas dos sécs. XV e XVI. Há no entanto que ter em conta o profundo esvaziamento a que foi sujeita quase toda esta área.

Subsiste, do lado norte, uma porta gótica aberta no que resta de uma parede, que presumivelmente fecharia ao exterior todo este espaço.

Nesta escavação do pátio registaram-se vários muros (n^{os} 1 a 5) que definiam compartimentos (n^{os} 1 a 3) e parte de uma cisterna. As obras de remodelação do convento moderno são constatadas no espaço escavado. É o caso dos Compartimentos 1 e 2, que inicialmente terão constituído um espaço único, presumivelmente de circulação⁹⁹. Uma sucessão de degraus, abrangendo toda a extensão dos Compartimentos 1 e 2, deixa perceber que a entrada da Igreja de Santiago era servida, cremos que originalmente, no séc. XV, por uma grande escadaria de 7 ou 8 degraus, seguida de patamar, escavados no calcoarenito local. Neste patamar, que antecedia a porta principal, um sistema de drenagem das águas pluviais impediria alagamentos nesta área nobre do conjunto conventual. O canal foi obtido do corte da rocha formando uma cavidade de perfil em U, revestida na base por tijoleiras vermelhas e cobertura de lajes ligeiramente afeiçoadas. Este canal de escoamento é contemporâneo do último convento.

Se observarmos a planta de Manoel Caetano de Souza, de 1781, veremos que as únicas estruturas identificáveis a partir da traça do piso térreo do convento são o muro 3 e o muro 4. O muro 4 faria parte da parede leste do convento e o muro 3 era parte de um compartimento rectangular que fechava do lado da cisterna. A implantação do muro 4, ou seja, a edificação do novo convento, foi responsável pela anulação da escadaria que emoldurava a entrada principal da igreja. Efectivamente durante os anos setenta / oitenta do séc. XVIII terão tido lugar várias obras, como se depreende das menções de Caetano de Souza a um novo fogão, à «Portaria principal já feita» e à «Escada principal que se ade fazer de novo». Por outro lado, a construção da cisterna deve ter ocorrido em data bastante posterior uma vez que não vem assinalada neste local na planta de 1781. Indica-se uma «Escada que desce a Cisterna» junto à cozinha, que não deverá corresponder à estrutura registada na escavação e que está bem definida em imagens fotográficas das obras de adaptação do convento a pousada. Trata-se de uma cisterna

⁹⁹ Veja-se a estratigrafia geral no Anexo 8.

com abóbada de meio-canhão, de comprimento indeterminado, munida de contrafortes em cada uma das paredes laterais, que suportariam os arcos da abóbada.

A implantação do muro 1, a parede sul da cisterna, faz-se sobre o muro 4, levando-nos a crer que em finais do séc. XVIII ou inícios do XIX se terá decidido avançar com esta obra, abrindo (ou alargando) o pátio defronte à igreja. Antes do início das obras de 70 não havia realmente edificações nesta área (Cópia DGEMN nº 4).

O espólio exumado inclui grande percentagem de cerâmicas de cozinha, de mesa e de armazenamento, alisadas, vidradas ou brunidas, cujas formas mais comuns são as panelas globulares, as caçarolas, as tigelas, os pratos, os copos, os púcaros, as bilhas e os alguidares. No grupo das cerâmicas mais requintadas incluem-se as moldadas, as faianças e algumas cerâmicas de importação. Outros artefactos vão desde os objectos quotidianos, de uso comum, aos que apresentam características lúdicas, ornamentais, simbólicas: fragmentos de cachimbos em caulino, um pente em osso, peças de jogo, metais vários e a pequeníssima imagem de um frade em terracota.

Estamos perante uma área do convento que inclui dependências de trabalho, com oficinas e arrecadações, onde podiam exercer funções elementos exteriores ao convento. A fauna está representada por escamas e espinhas de peixe, conchas de mexilhão, de ameijoia e de berbigão e ossos, predominantemente de mamíferos.

A loiça usada no convento incluía peças em cerâmica comum, lisas, alisadas ou moldadas, com a variedade de formas que a cozinha e os usos quotidianos exigiam: panelas, caçarolas, tigelas, pratos, jarros, pucarinhos, potes, alguidares. O já citado orçamento do séc. XVI apresenta-nos uma listagem interessante no seu rol de compras: púcaros, jarros, potes para água, copos, tigelas, alguidares. As tigelas, as bacias e os *farceiros* são indicados como *vasos de água*¹⁰⁰. No documento há também referência ao transporte de louça de Lisboa¹⁰¹, comprovando a aquisição, pelos freires, de exemplares fabricados na cidade, decerto os de maior qualidade, nomeadamente as faianças e as tacinhas e pucarinhos moldados. Note-se que nos sécs. XVII e XVIII o convento encomendava expressamente ao oleiro tigelas e pratos de faiança pintada a azul com a cruz-espada de Santiago e a inscrição COMVENTO, de que recolhemos vários fragmentos na escavação do pátio da igreja. Outras recolhas das últimas escavações incluem predominantemente faianças decoradas a azul embora também exista a

¹⁰⁰ Joel Mata, ob. cit., p. 96.

¹⁰¹ *Ibidem*.

associação do azul-verde e castanho anilado. Às temáticas decorativas citadas acrescentam-se os esquemas das “três contas” e elementos florais estilizados.

Ainda do mesmo orçamento se listam vários materiais em ferro ou outros metais: chaves, fechaduras, ferragens, ferrolhos, arcos para pipas e toneis, pregos, facas, alfinetes, agulhas e um *candeeiro das trevas*, em ferro. A escavação forneceu algumas ferragens, abundantes pregos, um dedal e alfinetes de cabeça esférica, em bronze.

ANEXOS

Anexo 1

BN - *Poesia e Prosa Inéditas de Fernão Lobo Rodrigues Soropita*
Prefácio e notas de Camilo Castelo Branco

Carta do auctor a um amigo, em que lhe dá conta do que passou quando se sahio de Lisboa pela vinda dos inglezes no anno de 1589

(...) p. 18-19

Aquesto mesmo dia, depois de fornecermos nossos ventres com isso que traziamos para jantar, tomamos o caminho para Palmella que são duas leguas não muito grandes, mas tudo charneca tão aspera e desconversavel como um labrêgo e, com mais carriagem que um arraial de ciganos, chegamos á villa já bem tarde, onde achei a mãe que me pariu, e todo o gasalhado necessario de que a historia não faz menção em particulares que entram no conto das miunças que por alvará de fóra não conhecem a nenhum historiador.

O primeiro caminho que fiz foi á mui honrada villa de Setubal (...)

p. 20-21

E, voltando a Palmella, primeiramente vos gabo o convento que, além de ser caza nobre das mais antigas de Portugal, por ser cabeça do mestrado de SancThiago, está todo enxertado em uma ventrêcha do castello, e d' ahi joga de ambas as mãos para Setubal e Lisboa, que lhe não fica em uma e outra barra cantinho que não almotasse. Os senhores freires representam seu dito honradamente; mas, como estão ali em sequeiro, os mais delles são algum tanto esgrouviados e mui enxutos, e mais enxutos que bacalháo de vento, tirando alguns merceanos que lançaram tudo em barriga como abobora de regadio, e foi acêrto assim, porque desta maneira ficou a obra sorteada como manta de retalhos.

Os moços de côro são principalmente bem creadinhos, que parece que estão em corja e guardam ao pé da letra a instituição de Lycurgo, porque diante dos mais velhos não cobrem a cabeça; e trazem já esta cortezia tão afiada que cortára uma palha no ar, como dizem os atafoneiros da minha terra. Para maior nobreza da caza, andam outro sim n'ella ao paio alguns cavaleiros da ordem que põe de fóra como um jogo de páos; e para estes há ahi aposentos de fóra separados onde os lançam a curtir como cura de tremoços, e d'aqui se calafetam com os padres e conversam todos de mistura por honra e auctoridade do habito de que toda a terra anda insada, que não olhareis para parte que não vermelheiem.

(...)

Anexo 2

Mesa da Consciência e Ordens, Livro III dos Privilégios de Filipe II, fl. 79
Consulta de 1 de Março de 1596

In VITERBO, Sousa Viterbo, Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses. Vol. I, II e III, I.N.C.M., Lisboa, 1988, p. 100.

Senhor- O superior e freires do convento de Palmella da ordem de Santiago nos fizeram saber por sua carta como neste inverno ouve o dito convento algumas ruínas e que o mais que ficara estava em tal estado que avião por grande escrupollo de consciencia pello risco que suas vidas corrião de abitar nelle e pera que fossemos informados do que passava e tivessemos disso mais larga relação elegerão em capitolo ao dito superior e a Simão da Costa, freire do dito convento, pera virem a esta corte significarnos do grande perigo em que estavam e pedir que em quanto se não acodia com brevidade a se lhe dar algum rimedio em que se pudessem recolher lhes fizesse V. Mg.de merce assignar lugar donde oudessem cõprir com suas obrigações, e pella informação que nesta mesa tivemos do dito superior e freire e a que ja tinhamos da muita necessidade que o dito convento a annos tem de se fazer como tem parecido a V. Mg.de como mestre e governador da dita ordem tem obrigação de acudir, mandamos a Filipe Tercio, ingenheiro mor de V. Mg.de acabasse de concluir com a traça do dito convento que V. Mg.de avia tempo lhe tinha mandado fazer, ao que satisfiz com brevidade com se ver primeiro nesta mesa, onde pareceo bem, e se inuia a V. Mag.de pera a aprovar sendo servido.

E nos parece que V. Mag.de deve aver por bem pera serviço de Ds e seu e pela obrigação que tem a esta ordem de mandar com toda a brevidade possível acudir ao dito convento e mandalo fazer de novo conforme a dita traça e de maneira que se possa fazer este presente verão obra com que os ditos freires se possam em alguma maneira recolher, a tento a urgente necessidade que disso ha e aver do dinheiro das terças das comendas da dita ordem trinta mil cruzados pouco mais ou menos, em que se começa fazer execução, e na fabrica do dito convento oito ou des mil cruzados com que se pode fazer a mor parte da dita obra pella boa comodidade que na dita villa ha de todas as achegas necessarias pera ella. Em Lixboa ao primeiro de março de 1596 annos.- Bertholomeu do Valle Vieira, Marcos Teixeira, Lopo Soares dAlbergaria, dom Francisco de Lima.

Ao lado: Em carta de Sua Magestade de 13 de maio de 96:

Vy a consulta sobre se aver de fazer de novo o convento de Palmella que estt arruinado e bem me parece que se faça e fico vendo as traças delle e em breve volas enviarei com a ordem que ouver por bem que se tenha nestas obras.

Anexo 3

Colecção Cronológica de Legislação Portuguesa

1603-1612

Carta Régia de 2 de Junho de 1603

Diz sua Magestade que viu a consulta da MC sobre o procedimento do Bispo de Fez na visitação dos Conventos de Palmella e Azviz, que lhe está encarregada.- E que por agora não tem excedido a ordem que sua Magestade lhe mandou;- e que a jornada que fez a Merida e a Alcantara foi conforme a ella, e por seu mandado; e que acabadas as ditas visitações, irá Sua Magestade dar razão do que fez, para o mandar vêr. E que, precedendo a comunicação e parecer da Mesa da Consciência, se ordenará o que for mais conveniente para a reformação dos ditos conventos- e que antes disso se não alterará nem mandará cousa alguma-e que assim se faça o Sr. Viso-Rei intender ao Presidente e Deputados da dita Mesa.
Christovão Soares

Liv. de Reg da Mesa da Consc. Fol. 17

Anexo 4

Colecção Cronológica de Legislação Portuguesa

1603-1612

Carta Régia de 30 de Setembro de 1603

Dom Frei Jorge Queimado, Bispo de Fez, que por meu mandado está visitando o convento de Palmella, me enviou por sua carta, que as mais das desordens que no decurso da visita se acharam, se causaram por

a remissão com que Fernão Gonçalves, Superior, que ora é, que por ser muito velho e enfermo, não acode como era necessário às obrigações do cargo, e se tem entregue a Pedro Rebelo e Alvaro Rodrigues Cordeiro, freires do dito convento, os quaes não procedem como convem ao governo d'elle, e que começam a inquietar os freires, dizendo que nada da visita se hade executar.-E que assim lhe parece importante para que não haja outras desordens maiores, depois de elle a acabar e se vier, provêr nisto de remedio.

Pelo que, hei por bem, vista a inhabilidade do dito superior Fernão Gonçalves, que ele não sirva mais aquelle cargo, e vá descansar a sua casa.- E que em seu logar, até eu mandar o contrario, sirva aquelle cargo Fr. Simão da Copsta, Prior de Aldeagallega, de quem tenho informação que o fará mui bem, e como convem ao serviço de Deus, e bem do convento- e que os ditos Fr. Pedro Rebello e Fr. Alvaro Rodrigues Cordeiro se saiam logo d'alli e vão residir em seus beneficios.- E encomendo-vos que assim ordeneis como por a MC se lhes mande a todos que assim o cumpram sem dilação alguma.

E que a Fr. Nuno d'Aguiar, Prior de Ferreira, que alli faz há já annos o officio de Procurador das Ordens, se lhe notifique que vá residir em seu beneficio e se saia.....(pg. 27-28)

Anexo 5

Relacion de la Real Tragicomedia com que los padres de la Compañia de Iesus en su colegio de S. Anton en Lisboa recibieron a la magestad Catolica de Felipe II de Portugal, y de su entrada en este Reino, cõ lo que se hizo en las Villas, y Ciudades en que entró.

Iuan Sardina Mimoso

(sacerdote natural de Setubal)

1620

Impresso em Lisboa por Iorge Rodriguez

Visitou sua megestade todos os mosteiros e comunidades que há nesta cidade (Lisboa) e fora dela, de monges e freires, que são inumeráveis, tratando-os a todos com suma familiaridade, e amor, e foi a Setúbal patria minha. É Setubal vila nobre das maiores do reino, sita na entrada do Oceano, cerca do promontorio barbarico, tão celebrado dos antigos escritores e cosmógrafos, é abundante de peixes e sal, de que provê grande parte da Europa. Aqui foi recebida Sua Magestade com grande festa debaixo do pálio levando-lhe da renda, Don Alvaro Lencastre Duque de Aveiro como Alcaide mor daquela formosa vila. Fez capítulo nela dos cavaleiros de Avis e dali se foi à antiga vila de Palmela a celebrar capítulo dos Cavaleiros de Santiago como mestre que é de todas as Ordens militares nestes reinos. Daqui passou à notável vila de Santarém...

fl. 162 v.

Anexo 6

T.T. / Livro dos Copos, fls. 463 – 465

In Militarium Ordinum Analecta, nº 7, Fontes para o Estudos das Ordens Religioso-Militares, Livro dos Copos, Vol. I, Dir. Luís Adão da Fonseca, Transcrição de documentos de Paula Pinto Costa, Joel Mata, Maria Cristina Pimenta, Isabel Morgado Silva, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2006, pp. 669-673.

(Excertos)

Balthazar Joseph da Gamma freire capitular deste real convento de Palmella e nelle escrivão do cartório de Sua Magestade que Deus guarde certifico e faço fee que neste mês de Junho deste presente anno de 1711 passando Sua Magestade que Deus guarde o serenissimo senhor rey Dom João o 5º da corte e cidade de Lixboa pêra o sitio de Azeytão com o motivo de ter alguns dias de recreação e exercicio como lhe aconselharão os médicos pera alivio de algũas queyxas com que se achava passou no dito tempo a vila de Setuval aonde dilatando se tres dias no fim delles se rezolveo a vir honrar este convento com a sua real presença e dos serenissimos infantes seus irmãos os senhores Dom Francisco, Dom Antonio e Dom Manoel que o acompanharão nesta jornada. (...)

Chegou o dito senhor com seus irmãos a este convento em dia de S. João Baptista pellas oito horas da manhã (...). Assim que o dito senhor entrou as portas do castelo foi o senhor prior mor espera lo à do átrio anterior à porta da igreja com toda a sua comunidade dividida em duas allas de hũa a outra porta e na do attrio logo immediatamente à parte de dentro estava estendida hũa alcatifa com quatro almofadas de

tella emsima pera ajoelhar Sua Magestade e os senhores infantes e o dito senhor prior mor com capa de asperges ministro de mitra ao lado e a crus do Sancto Lenho na mão de bayxo do pallio pera a dar a bejar a Sua Magestade e Altezas como com effeito assim se fez. E assim que se apeou a comitiva vierão logo à prezença do dito senhor Prior mor antes de Sua Magestade se apear o marques de Fontes, o conde de Santa Crus, o conde de Unhão e Bernardo de Vasconcellos e Souza a dizer lhe que como súbditos seus, pois com effeito são todos quatro comendadores da Ordem de S. Tiago se vinhão alli oferecer pera tudo o que Sua Senhoria fosse servido ordenar lhes e depois do dito senhor lhes gratificar benevolmente esta atenção lhes encarregou as quatro varas do pallio em que logo pegarão. (...)

(...) foi o dito senhor guiado athe à caza que tema tribuna pera a cappela mor que serve de segunda guarda roupa ao senhor prior mor.(...)

(...) o dito senhor ordenou se desse principio ao jentar, e por ser tarde tão somente o marques de Alegrete seu camerista pera assistir na meza a sua real pessoa e Dom Rodrigo de Alemcastro às dos senhores infantes seus irmãos, que com Sua Magestade jentarão na caza da tribuna, aonde se lhe armou meza e a da nobreza na salla grande que serve de livraria; houve de comer sufficientemente sem falta, nem desperdício que talvez houvesse se desse mais lugar o tempo.(...)

(...) se dignou o dito senhor de ir ver com os senhores infantes seus irmãos todo este convento e officinas delle, a que os conduzio o senhor prior mor com a comitiva dos seus freires e lhe mostrou as cellas de alguns, como foi a do seu prezidente o padre Jozeph Cabral de Carvalho e a do seu escrivão da camera o padre Carlos padre do Andr^a, as quais folgou de ver o dito senhor, parecendo lhe muito bem, assim pela proporção, como pela religioza descencia dellas. E visto o mais que se podia mostrar neste convento, veyo ultimamente à igreja, onde fazendo primeiro oração se retirou pello mesmo paço que tinha entrado, pera continuar sua jornada pera Lixboa; (...)

À porta de fora do attrio athé onde o acompanhou o senhor prior mor e a comunidade, estavam os cavallos pera montar Sua Magestade e altezas, e antes que o fizessem, lhes beijou alli novamente a mão o dito senhor prior mor e a dita comunidade, em repetida protestaço da grande honra que lhes tinha feito e com que os deyxava; e porque a esta acrecesse outra mayor, a que o génio de Sua Magestade he natural e suavemente inclinado, depois de montado a cavallo, voltou pera o senhor prior mor na prezença do largo concurso que alli se achava, e tirando o chapeo, lhe disse: adeus prior mor ficai vos embora. E com estas palavras se despedio, deyxando nos a todos tão cheyos de vaidade por tanta honra, como de leais e fidelissimas saudades pella sua auzencia. (...)

Anexo 8

FAC-22/85 (12 fls)

Fol.1 e Seg., Liv. Reg. Tombo da Câm. Mun. Setúbal, p. 158, Arquivo da Câm. Mun. Setúbal.
Sobre o sino da Igreja do Convento de Santiago- 1855

Fl. 1...O edificio do convento estava no castelo da vila mas não fazia parte da fortaleza, nem pertencia ao Ministério da Guerra e como um dos bens das ordens religiosas extintas em 1834, havia sido incorporado no Ministério da Fazenda, e o sino grande e prodigioso do campanário daquela igreja de há muito havia sido concedido ao municipio de Palmela antes de ser incorporado no de Setúbal e extinto por decreto de 24 de Outubro de 1855. Entretanto o governo, deferindo a um pedido que se lhe fizera ordenou, pelo Ministério da Guerra, que à Confraria do Santíssimo Sacramento da Freguesia de S. Julião de Lisboa fosse entregue o sino. O M. da Guerra assim fez.

O povo reclamou, requereu, suplicou pelo seu sino, que considerava milagreiro e curandeiro (...)

Fl.8- O governo procedeu como era de esperar: atendeu à justa representaço do povo de Palmela e o sino que é quem afirma hoje solta por entre as ruínas a mais forte sonora e vibrante voz, recordando os nobres feitos e antigas glórias do altivo castelo palmelense, lá se mostra ainda como que cheio de si mesmo e sobranceiro no meio de um povo que o venera e proclama milagreiro.

Fl. 9-Arquivo da Administração do Concelho de Setúbal

Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda- Primeira Secção

Tendo sido presente a sua Magestade a Rainha o requerimento da Câmara Municipal de Palmela, pedindo em nome dos povos que administra, se declara que lhe pertence o sino denominado- Sam Tiago- anexo ao relógio da Torre do Convento suprimido dos freires de Sam Tiago da Espada, situado no castelo daquela vila e que foi concedido para uso dos referidos povos por Portaria do Tribunal do Tesouro Público de 15 de Outubro de 1834, e outro sim que se lhe faça doaço de mais três sinos e uma garrida, que ainda

existem na mesma torre, sendo o maior para dar as horas, e os outros para serem colocados nos campanários vários da Igreja Paroquial de S. Pedro da dita vila; e atendendo à Mesma Augusta Senhora a justiça da pretensão da Câmara suplicante, tanto pelo que respeita ao sino do relógio, que necessariamente foi compreendido na concessão do mesmo, por isso que forma parte integrante dele, como pelo que toca aos outros sinos de que se trata, que actualmente se acham sem destino na torre daquele extinto convento, os quais podem de alguma maneira considerar-se como pertencentes aqueles povos, porquanto tendo eles sustentado o mesmo convento pelo longo espaço de trezentos e cinquenta e oito anos com os produtos de seus dízimos, contribuíram decerto em grande parte para a sua compra, pelo que devem julgar-se como tendo muito maior (...) Que imploram do que qualquer outra corporação que por ventura tivesse solicitado igual mercê. Há por bem, conformando-se com o parecer que o supramencionado Tribunal emitiu, em consulta de 8 de Agosto de 1845, sobre a possibilidade da concessão daqueles sinos, ordenar que fiquem considerados como pertencentes à Câmara suplicante, a quem por Sua Magestade vão concedidos, para serviço do município, tanto o sino do relógio da torre do referido extinto convento em Palmela, como os dois sinos menores e uma garrida que se acham na mesma torre permanecendo onde actualmente está o sino maior, denominado de- Nossa Senhora da Conceição- do qual, contudo, poderá a referida municipalidade fazer uso. O que, pela Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda se comunica ao Tribunal do Tesouro Publico, para seu conhecimento e efeitos necessários; na inteligência de despesas do apeamento e transporte ficam a cargo da sobredita câmara.

Paço das Necessidades em 8 de Novembro de 1848

Joaquim José Falcão- Para o Tribunal do Tesouro Publico

Está conforme. Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda, em 10 de Novembro de 1848- Diogo José d' Oliveira Silva Carneiro

Registada no Livro de Registo Geral da Câmara f. 8. Palmela, 8 de Janeiro de 1849. O Escrivão da Câmara J. A da Silva Rocha.

Anexo 9

Escavações Arqueológicas no Pátio da Igreja de Santiago Estratigrafia Geral

U.E. 1: corresponde ao nível de lajeado e respectiva camada de preparação.

U.E. 1A: sedimento de terra castanha, sem espólio.

U.E. 2: nível de deposição de entulho dos séculos XIX-XX, com algumas intrusões de espólio cerâmico dos sécs. XVII-XVIII.

U.E. 2A: idêntico ao anterior com sedimento castanho. Ocorre algum espólio datável dos séculos XVII, XVIII e XIX.

U.E. 3: sedimento castanho-escuro, solto, com abundante espólio, dos sécs. XVII-XVIII.

U.E. 3A: corresponde a um nível de lareira em I10 e continha espólio diverso: panelas, potes, caçarolas.

U.E. 3B: nível de derrube, formado por um sedimento castanho escuro com carvões, onde ocorre espólio diverso.

U.E. 3C: sedimento castanho com alguns carvões e cinzas, onde surgem fragmentos de panelas, caçarolas de diferentes tamanhos, púcaros e pucarinhos, copos, taças, pregos e restos faunísticos alimentares em abundância.

U.E. 3D: sedimento castanho amarelado, com espólio cerâmico de tipologia comum, alguma fauna e possíveis peças de jogo realizadas em osso ou espinha de peixe (?).

U.E. 4: derrube formado por sedimento castanho claro com telhas e pedras.

U.E. 4A: semelhante ao anterior, relacionado com a fase de desagregação dos muros.

U.E. 5: piso em argamassa.

U.E. 5A: camada de preparação do piso, de cor castanha, com alguma cerâmica triturada e nódulos de argamassa. Ocorre associado algum espólio dos sécs. XVII e XVIII.

U.E. 6: sedimento castanho-escuro, onde se exumou algum espólio cerâmico de tipologia comum (panelas, caçarolas, taças). Para além do espólio cerâmico recolheram-se, no início deste nível, fragmentos de diferentes tubos de cachimbo.

U.E. 6A: sedimento castanho-avermelhado, um pouco compacto, com cerâmica e nódulos de argila. O espólio é abundante e diverso, dentro da mesma cronologia: pregos em ferro de diferentes dimensões, alfinetes em bronze, um pente em osso, um núcleo e uma lasca em sílex.

U.E. 7: sedimento castanho arenoso, com alfinetes, fragmentos de caçarolas, de painéis, de alguidares e de fauna.

U.E. 7A: semelhante ao anterior, embora a terra seja castanha enegrecida, cor que lhe é conferida pela presença de carvões. Neste nível exumaram-se, para além de fragmentos de vasilhame cerâmico, nomeadamente faianças, alfinetes. um dedal em bronze e uma pequena escultura em terracota, com 2 cm de altura, representando um frade.

U.E. 7B: sedimento castanho escuro, solto, com carvões, escamas, espinhas, ossos, caracóis e mexilhões.

U.E. 8: piso em argamassa, com algumas telhas e cerâmica.

U.E. 9: nível arenoso, de tonalidade amarela, que lhe é conferida pela desagregação de argamassas dos muros 5 e 5a.

U.E. 9A: sedimento castanho claro, arenoso, misturado com argamassa desagregada e com pouco espólio.

U.E. 9B: piso em argamassa sobre o qual surgiram fragmentos de cachimbos.

U.E. 10: afloramento rochoso e nível a que corresponde também o talhe da rocha em degraus (escadaria de acesso à Igreja de Santiago).

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS E DACTILOGRAFADAS

Arquivo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Serviço de Documentação e de Informação, Lisboa (Arq. DGEMN)

-Proc. 15-08-02-002- Pousada /Castelo de Palmela / 2112 (de 1929 a 1961)

-Proc. 15-08-02-002- Pousada /Castelo de Palmela / 2114 , 2115 ,2116 (1970/76-1973/77-1977/92).

Arquivo do Ministério das Obras Públicas- Palmela, 1948 e 1949.

Arquivo Militar- DAE- Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, Lisboa (AM-GEAEM).

-Castelo de Palmela : Ofícios, Memórias, Relatórios e Plantas entre 1811 e 1868.

Instituto dos Arquivos Nacionais- Torre do Tombo, Lisboa (IAN/TT)

-Ordem de Santiago, *Visitações da Vila de Palmela*, 1565,(B. 50-213).

-*Chancelaria da Ordem de Santiago*, Liv. 24, 18 Out. 1696, Fl. 23V. e 24.

-*Mesa da Consciência e Ordens*, Livº 2, Consultas e Registo (1608-1768), 1616-Fls. 168.

-*Mesa da Consciência e Ordens*, Livº 3, Consultas e Registo (1609-1617), 1612-Fls. 84v a 86v, 87v e 88; 1614- Fls. 144 e 144v.

-1823, *Convento da Ordem Militar de Santiago da Espada em Palmella*, Inventário Geral de 1823, Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, Maço 248, nº 1, Cx. 200.

FONTES IMPRESSAS

ARANHA, D. Lázaro Leitão,1731- Mesa das Três Ordens Militares de Cristo, S. Thiago e Aviz, Livro III dos Privilégios de Filipe II, B.N.L., Cod. 10888-90,fl.78,83, 85/86.

Classificação dos Monumentos Nacionais, M.O.P.C.I., Conselho dos Monumentos Nacionais, Imp. Nacional, Lisboa, 1909.

Colecção Cronológica de Legislação Portuguesa (1603-1612/ 1634-1647), (Arquivo Municipal de Palmela),1854.

PEREIRA, Gabriel, *Monumentos Nacionais. Conselho Superior dos Monumentos Nacionais*, Typ. do Dia, Lisboa, 1900.

Visitações de Palmela e Panoias (Ordem de São Tiago), Documentos para a História de Portugal-nº 11, ANTT, Org. de V. Pavão dos Santos, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972.

FONTES ICONOGRÁFICAS

Arquivo Militar- Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, Planta do Convento de Palmela, 1781.

DICIONÁRIOS

COSTA, Américo, *Diccionario Chorographico de Portugal*, Vol. VIII, Lisboa, 1943.

FRAZÃO, A. C. Amaral, *Novo Dicionário Corográfico de Portugal*, Porto, 1952.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme, *Diccionario Histórico, Chorographico, Biografico e Artístico*, Vol.5, Lisboa, 1911.

ESTUDOS

FORTUNA, António Matos, 1988- «Digressões à volta do nome de Palmela», *Jornadas de Divulgação e Análise do Passado de Palmela*, 14-15 Março de 1987, Câmara Municipal de Palmela, Col. Estudos Locais, Palmela, pp. 37-49.

MARQUES, José, 1997- «Aspectos culturais em visitas das Ordens Militares». *As Ordens Militares em Portugal*. Actas do I Encontro sobre Ordens Militares, Câmara Municipal de Palmela, 3 a 5 de Março de 1989, Palmela, pp. 11-28.

MATA, Joel Silva Ferreira, 2002-«*O orçamento do convento de Palmela para o ano de 1567. Sua afectação*». Rev. Lusíada, Universidade Lusíada, pp. 175-202.

SILVA, José Custódio Vieira da, 1983, *A Igreja Conventual da Ordem militar de Sant'Iago em Palmela*. Trabalho de História da Arte Medieval do Mestrado de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

VITERBO, Sousa, 1988 e 92- *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Vol. I, II e III, I.N.C.M., Lisboa.

~~~~~

## **BIBLIOGRAFIA**

### ***FONTES MANUSCRITAS E DACTILOGRAFADAS***

#### ***Arquivo da Academia das Belas Artes, Lisboa (AABA)***

- Conselho de Arte e Arqueologia, Correspondência Expedida entre 1901 e 1926.
- Igrejas, Vol. M-V, CSMN.
- Ofício dirigido ao Director Geral do Ministério das Obras Públicas, 25 de Janeiro de 1883.
- Conselho Superior dos Monumentos Nacionais, Actas das Sessões entre 1900 e 1925.

#### ***Arquivo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Serviço de Documentação e de Informação, Lisboa (Arq. DGEMN)***

- Proc. 15-08-02-002- Pousada /Castelo de Palmela / 2112 (de 1929 a 1961)
- Proc. 15-08-02-002- Pousada /Castelo de Palmela / 2114 , 2115 ,2116 (1970/76-1973/77-1977/92).

#### ***Arquivo Distrital de Setúbal, Setúbal (ADS)***

- Cartório Notarial de Setúbal, Lº 61 de notas de António Borges Ferreira , de Setúbal, 1690-93, fls. 28 v a 31.
- Fundo Almeida Carvalho, 1508-1802- Livro do Regimento, Arq. Câm. Mun., Set., p. 86 e 135.
- Fundo Almeida Carvalho, 1653, Choby, Synopse dos Decretos Remetidos ao Conselho de Guerra, p.296, nº69; p.117, nº119.
- Fundo Almeida Carvalho, 1657, Correspondência do Governador de Setúbal, João Nunes da Cunha, fl. 268,270.
- Fundo Almeida Carvalho, 1843, Conde A. Racrynohi, Les Arts au Portugal, fl. 453.
- Fundo Almeida Carvalho, Livro do Regimento da Câm. Mun. Palmela, fl.156, fl. 22/64.

#### ***Arquivo do Ministério das Obras Públicas- Palmela, 1948 e 1949.***

#### ***Arquivo Militar- DAE- Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, Lisboa (AM-GEAEM).***

- Castelo de Palmela : Ofícios, Memórias, Relatórios e Plantas entre 1811 e 1868.

#### ***Instituto dos Arquivos Nacionais- Torre do Tombo, Lisboa (IAN/TT)***

- Liber ecclesiarum totius regni portugaliae de quibus dominium rex est patronus*, 1259, Gav. 19, M. 14, Doc. 7, fol. 10v e 11.
- Ordem de Santiago, *Livro da Fábrica das Igrejas da Vila de Palmela*, 1564-1568, (B 50-89).
- Ordem de Santiago, *Visitações da Vila de Palmela*, 1565,(B. 50-213).
- Chancelaria da Ordem de Santiago*, Liv. 24, 18 Out. 1696, Fl. 23V. e 24.
- Mesa da Consciência e Ordens*, Livº 2, Consultas e Registo (1608-1768), 1616-Fls. 168.
- Mesa da Consciência e Ordens*, Livº 3, Consultas e Registo (1609-1617), 1612-Fls. 84v a 86v, 87v e 88; 1614- Fls. 144 e 144v.
- 1823, *Convento da Ordem Militar de Santiago da Espada em Palmella*, Inventário Geral de 1823, Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, Maço 248, nº 1, Cx. 200.

## **FONTES IMPRESSAS**

*A Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147. Carta de um cruzado Inglês*, Apresentação e notas de José da Felicidade Alves, Livros Horizonte, Lisboa, 1989.

AL-HIMYARI, *La Péninsule ibérique au Moyen-Age d'après le "Kitâb al-Rawd al-Mi'tar Fi Habar al-Aktâr"*. Texte arabe des notices relatives à l'Espagne, au Portugal et au sud-ouest de la France, tx. et tr. E. Lévi-Provençal, Pub. Fondation de Goeje, n° XII, Leiden, 1938.

ARANHA, D. Lázaro Leitão, 1731- *Mesa das Três Ordens Militares de Cristo, S. Thiago e Aviz, Livro III dos Privilégios de Filipe II*, B.N.L., Cod. 10888-90, fl. 78, 83, 85/86.

*Archivo Pittoresco*, 1860, vol. III, pp. 153-154; pp. 313--314; p. 369-340.

BORGES COELHO, António

- *Portugal na Espanha Árabe*, Vol. I e II, Ed. Caminho, Lisboa, 1989.
- *Portugal na Espanha Árabe*, Vol. IV, Seara Nova, Lisboa, 1975.

«Catálogo de Todas as Igrejas, Comendas e Mosteiros que havia nos Reinos de Portugal e Algarves pelos anos de 1320-1321, com a lotação de cada uma delas. Ano de 1746». Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, IV, Porto, 1971, 90-144.

*Chancelarias Portuguesas. D. Afonso IV*, Vol. 2, Org. A. H. O. Marques, INIC- Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1992.

*Chancelarias Portuguesas. D. Pedro I*, Org. A. H. O. Marques, INIC- Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1992.

*Classificação dos Monumentos Nacionais*, M.O.P.C.I., Conselho dos Monumentos Nacionais, Imp. Nacional, Lisboa, 1909.

*Colecção Cronológica de Legislação Portuguesa (1603-1612/ 1634-1647)*, (Arquivo Municipal de Palmela), 1854.

COSTA, Américo, *Diccionario Chorographico de Portugal*, Vol. VIII, Lisboa, 1943.

*Cronica Anonima de los Reyes de Taifas*, Introdução, Tradução e Notas de Felipe Maillo Salgado, Akal Universitaria, Madrid, 1991.

LOPES, Fernão, *Crónica de D. Fernando*, Liv. Civilização, 4ª Edição, S/D.

*Crónica Geral de Espanha de 1344*, Vols. I a IV, Ed. Crítica de Luís F. Lindley Cintra, INCM, Lisboa, 1990.

*Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, Ed. Crítica de C.S. Tarouca (vol. I, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1952.

*Pousada de Santiago. Palmela*, Boletim nº 129. D.G.E.M.N., Texto de Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, Min. Equipamento Social, Imprensa Nacional, Lisboa, 1984.

Decreto nº 20 985 de 7 de Março de 1932, *Informar para Proteger, Legislação Nacional*, IPPAR, Lisboa, 1996, pp. 9-19.

*Descobrimientos Portugueses- Documentos para a sua História*, Ed. Organizada por João Martins da Silva Marques, Vol. I (1147-1460), INIC, Porto, 1988.

*Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*, Ed. de Rui Pinto de Azevedo, A. J. da Costa e M.R. Pereira, vol. I, Tomos I e II, Univ. Coimbra, 1979.

*Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios A.D. 1095-1185*, Ed. de Rui de Azevedo, Vol. I, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1962.

*Estabelecimentos de D. Pedro Escacho, 1327*, Livro das Tábuas Ferradas, IAN/TT, B-50-141 e Livro dos Copos, IAN/TT, B-50-272, fls. 179-182, in Isabel Lago Barbosa, 1998, pp. 231-235.

ESTRABÃO, *Géographie*. Tome II (Livres III-IV ), Paris, 1966, p. 51.

«Extracto do Relatório da Comissão dos Monumentos Nacionais apresentado ao Illmo e Exmo Sr. Ministro das Obras Públicas Commercio e Industria, em 1884, pelo Presidente da Referida Comissão, que Foi Autorizado a Fazer Esta publicação. Joaquim Possidónio da Silva.»- *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, Série 2ª, Tomo IV, nº 10, 1885.

FRAZÃO, A . C. Amaral, *Novo Dicionário Corográfico de Portugal*, Porto, 1952.

GALVÃO, Duarte, *Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques*, I.N.C.M., Lisboa, 1995.

*História Florestal, Aquícola, e Cinegética. Colectânea de Documentos Existentes no arquivo Nacional da Torre do Tombo. Chancelarias Reais*, Vol I (1208 a 1438) e Vol. II (1439 a 1481), ed. de C.M.L. Baeta Neves, Ministério da Agricultura e Pescas, Direcção Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, Lisboa, 1980.

*La Description de l'Espagne d'Ahmad Al-Râzî*, reconstituição do original árabe e tradução de E. Lévi-Provençal, Al-Andalus, Vol. XVIII, C.S.I.C., Madrid-Granada, 1953, pp. 51-108.

LARCHER, Jorge, «Castelos de Portugal. Palmela e Sezimbra», *Revista dos Centenários*, Setembro, Com. Ex. dos Centenários, Secretaria da Propaganda Nacional, Lisboa, 1939, pp. 19-22.

LAVANHA, João Batista, *História da Viagem da Católica Real Magestade del Rei D. Filipe II Nosso Senhor ao Reyno de Portugal e Rellação do Solene Recebimento que nelle se fez*, Thomas Junti, Madrid, 1622.

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI, Lisboa, 1875.

Lei nº 2 032 de 11 de Junho de 1949, *Informar para Proteger, Legislação Nacional*, IPPAR, Lisboa, 1996, p. 21.

*Livro de Visitantes do Castelo de Palmela*, Comissão Regional de Turismo, Palmela, Arquivo Histórico Municipal de Palmela, 1940-50.

*Memórias Paroquiais de 1758*, Prólogo, selecção e notas de A. Matos Fortuna, Col. Monografia de Palmela, 1, C. M. P., Palmela, 1982.

*Monumenta Henricina*, Coord. M. Lopes de Almeida *et al.*, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Vol. I, Coimbra, 1960.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme, *Diccionario Histórico, Chorographico, Biografico e Artístico*, Vol.5, Lisboa, 1911.

PEREIRA, Gabriel, *Monumentos Nacionais. Conselho Superior dos Monumentos Nacionais*, Typ. do Dia, Lisboa, 1900.

*Portugaliae Monumenta Historica. Leges et Consuetudines*, Vol. I, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1856.

*Portugaliae Monumenta Historica. Scriptorum*, Vol. I, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1856.

Revista *Terras de Portugal*, Separata do nº 1 do Grande Album de Turismo, Portugal Ilustrado, Lisboa, s/d.

SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da,

-*Relatório Apresentado na Sessão Solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 22 de Novembro de 1881*, Lallement Frères, Typ. Lisboa, 1881.

-*Relatório da Comissão dos Monumentos Nacionaes apresentado ao Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria pelo Presidente da Referida Comissão em 1884*, Imp. Nacional, Lisboa, 1894.

*Visitações de Palmela e Panoias (Ordem de São Tiago)*, Documentos para a História de Portugal-nº 11, ANTT, Org. de V. Pavão dos Santos, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972.

## ***FONTES ICONOGRÁFICAS***

Archivo Pittoresco, 3, Desenho de Nogueira da Silva e Gravura de Pedroso, p. 313, Lisboa, 1860.

Arquivo DGEMN: fotografias dos processos do Castelo de Palmela e do Castelo de Alcácer do Sal, Anos 30 a 70.

Arquivo Militar- Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, Planta do Convento de Palmela, 1781.

Arquivo Militar- Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, Plantas do Castelo de Palmela, Nº 3219/IV-2A-27-39, Nº 3219/V-2A-27-39, Nº 3219/VI-2A-27-39, Séc. XIX.

Arquivo Histórico Municipal de Palmela, Fundo Américo Ribeiro, Anos 30-60, Fotografias de vários aspectos do castelo de Palmela, Anos 30-60.

B.N.L., Gabriel Vítor de Monte Pereira, *Album de Desenhos de Gabriel Vítor de Monte*, res., Mass. 204, nº39, 1903



B.N.L., Hygino de Mendonça, *Castello de Palmella*, Ilustração Portuguesa, Vol. II, nº 41, 3.Dez..1906, pp. 574-576.

Divisão de Documentação Fotográfica do IPM, Emílio Biel, Fotografia do Castelo de Palmela, Inícios do séc. XX.

Instituto Português de Cartografia e Cadastro, *Planta Topográfica Militar do Terreno da Península de Setúbal*, 1816.

Peres, Damião, *História de Portugal*, Vol. II: pp. 70-71; Vol. IV, 1929, pp. 389-390.

## **ESTUDOS**

ACIÉN ALMANSA, Manuel- 1990, «Hornos alfareros de época califal en el yacimiento de Bezmiliana». *Fours de Potiers et Testares Médiévaux en Méditerranée Occidentale- Méthodes et Résultats*, Pub. Casa Velazquez, Madrid, pp.13-27.

-1992- «Poblamiento y fortificación en el sur de al-Andalus. La formación de un país de husun». *III CAME*, Tomo I, pp. 137-149.

-1995- «La fortificación en al-Andalus». *La Arquitectura del Islam Occidental*, El Legado Andalusi, Lunwerg editores, S.A., Madrid, pp. 29-42.

-1996- «Cerâmica e propaganda em época almóada», in *Arqueologia Medieval* 4, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto, pp. 183-192.

-1998- «El final de los elementos feudales en al-Andalus: fracasso del «incastellamento» e imposición de la sociedad islámica». «*L'Incastellamento*». *Actes des Rencontres de Gérone (26-27 Nov. 1992) et de Rome (5-7 Mai 1994)*, Col. de l'École Française de Rome- 241, Roma, pp. 291-306.

-1999 (no prelo)- «La herencia del protofeudalismo visigodo frente a la imposición del estado islámico». Simposio Internacional *Visigodos y Omeyas- Un Debate entre la Tardoantigüedad y la Alta Edad Media*, Consorcio Monumental de la Ciudad de Mérida, Mérida, 21 a 23 Abril de 1999.

ACIÉN ALMANSA, Manuel; CRESSIER, Patrice ; ERBATI, Larbi; PICON, Maurice, 1999- «La cerámica a mano de Nakur (ss. IX-X). Producción beréber medieval». *Arqueología y Territorio Medieval*, nº 6, Universidad de Jaén, pp. 45-70.

ADÃO da FONSECA, Luís, 1990- «Introdução sobre a história da Ordem de Santiago». *O Castelo e a Ordem de Santiago na História de Palmela*, C.M.P., Palmela, pp. 51-56.

AGUADO, José et Alli, 1990- «El testar del puente de San Martín (Toledo)», *Fours de Potiers et Testares Médiévaux en Méditerranée Occidentale*, Publications de la Casa Velasquez, Madrid, pp. 117-130.

ALARCÃO, Jorge de, 1988- *O Domínio Romano em Portugal*, Pub. Europa-América, Mem Martins.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1986- «Arte da Alta Idade Média». *História da Arte em Portugal*, Vol. 2, Publicações Alfa, Lisboa.

-1989- «Castelos e cercas medievais. Séculos X a XIII». *Portugal no Mundo, História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, dir. de Rafael Moreira, Pub. Alfa, Lisboa, pp.38-54.

ALVES, Adalberto, 1999- «A corte de al-Mu'tamid, tolerância e cultura». *O Algarve da Antiguidade aos Nossos Dias*, Edições Colibri, Lisboa, pp.85-88.

AMARO, Clementino et alli, 1995- *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*, Fundação B.C.P., Lisboa.

AMSTRONG, P.; HATCHER, H.; TITE, M., 1997- «Changes in bizantine glazing technology from the ninth to thirteenth centuries». *Actes du Ve Congrès de l'AIECM2*, Aix-en-Provence Nov. 1995, Aix-en-Provence, pp. 225-230.

ANTUNES, Luis Pequito, 1993- «A Ordem de Santiago em Almada nos séc. XII a XV». *Al-Madan*, II Série, nº 2, Julho, pp. 104-110.

ARANDA, José Escudero, 1990- «La ceramica decorada en verde y manganeso de Madinat Al-Zahra». *Cuadernos de Madinat al Zahra*, vol. 2, 1998-90, Cordoba, pp.127-161.

ARBEITER, Achim, 1995- «Construcciones con sillares. El paulatino resurgimiento de una tecnica edilicia en la Lusitania visigoda», *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa-28 Set. a 2 Out. de 1992, Barcelona, pp.211-222.

-1999 (no prelo)- «Alegato por la riqueza del inventario monumental hispanovisigodo», Simposio Internacional *Visigodos y Omeyas- Un Debate entre la Tardoantigüedad y la Alta Edad Media*, 21 a 23 Abril de 1999, Consorcio Monumental de la Ciudad de Mérida, Mérida.

ARIAS, C.; BERTI, G.; LIVERANI, G.;1973- «Analisi con fluorescenza a raggi X dei rivestimenti vetrosi monocromi nelle ceramiche egiziane dei secoli XI-XIII». in *Faenza*, 59, fasc. II-V, Faenza, pp. 33-44.

ARIÉ, Rachel, 1993- «España musulmana (siglos VIII-XV)». *História de España*, dir. M. Tuñón de Lara, III, Ed. Labor, Barcelona.

ARNAUD, José Morais, 2000- «Os concheiros mesolíticos do vale do Sado e a exploração dos recursos estuarinos (nos tempos pré-históricos e na actualidade)». Encontro sobre Arqueologia da Arrábida, 6 e 7 de Novembro de 1998, *Trabalhos de Arqueologia 14*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp. 21-44.

AYALA MARTÍNEZ, Carlos de, 1998- *Las Órdenes Militares en la Edad Media*, Ed. Arco Libros,S.L., Madrid.

AZEVEDO, Rui de, 1938- «Período da formação territorial». *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol 1, Lisboa, 1938, pp. 7-64.

AZUAR RUIZ, Rafael, 1995- «Atalayas, almenaras y rábitas». *Al- Andalus y el Mediterráneo*, El legado andalusí- Granada, Lunweg Editores, Barcelona-Madrid, pp. 67-76.

-1995a- «Las técnicas construtivas en al-Andalus. El origen de la sillería y del hormigón de tapial», *V Semana de Estudios Medievales*, Nájera, 1 a 5 Agosto 1994, Logroño, pp. 125-142.

-1998- «Fortificaciones de taifas en el Sarq al-Andalus». *Castillos y Territorio en Al-Andalus*, Jornadas de Arqueologia Medieval, Berja, 4 a 6 de Out. 1996, Ed. Athos-Pérgamos, Granada, pp. 116-140.

-2000- «Ciudades y territorio en el Sharq al-Andalus». *Ciudad y Territorio en Al-Andalus*, 2, Ed. Athos-Pérgamo, Granada, pp.471-499.

-2000 (no prelo)- «Aspectos simbolicos de la arquitectura militar almohade. El falso despiece de sillería y las bóvedas de arcos entrecruzados». *Los Almohades I: Los Vectores del Mensaje Almohade (Arte, Epigrafía, Numismática)*, Junho de 2000, Casa de Velazquez- CSIC-CNRS Lyon, Madrid.

BANGO TROVISO, Isidro, 1992- «Los reyes y el arte durante la Alta Edad Media: Leovigildo y Alfonso II y el arte oficial». *Lecturas de Historia del Arte*, nº 3, Vitoria-Gasteiz, Ephialte, pp.19-32.

-1994, *Alta Edad Media. De la tradición hispanogoda al románico*. Ed. Silex, Madrid.

-1998, «Estudio preliminar» in M. Gómez Moreno, *Iglesias Mozárabes- Arte Español de los Siglos IX a XI*, Archivum, pp. XIII a XV.

BANHA, Carlos, 1998- «As cerâmicas do Alto do Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar». *Cira 7*, Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira- 1995/97, Vila Franca de Xira, pp.75-110.

BARBOSA, Isabel Lago, 1998- «A Ordem de Santiago nos finais da Idade Média (normativa e prática)». *Militarium Ordinum Anacleta 2, As Ordens de Cristo e de Santiago no início da Época Moderna: A Normativa*, Dir. L. Adão da Fonseca, Fundação Eugénio Almeida, Porto, pp.93-288.

-1989- *A ordem de Santiago em Portugal na Baixa Idade Média*, Tese de Mestrado, F.L.Univ. Porto (polic.).

BARCELÓ, C. e LABARTA, A., 1987- «Dos inscripciones árabes halladas en Alcácer do Sal», *Setúbal Arqueológica*, vol. VIII, Setúbal, pp. 239-243.

BARCELÓ, José Mohedano, 1982- *Ibn Abdun de Évora (c. 1050-1135)*, Col. Estudos Árabes, nº 1, Universidade de Évora, Évora.

BARCELÓ, Miquel, 1993- «Al-Mulk, el verde y el blanco. La vajilla califal omeya de Madinat Al-Zahra». *La Ceramica Altomedieval en el Sur de Al-Andalus*, Granada, pp. 291-299.

BARRAL i ALTET, Xavier, 1998- *A Alta Idade Média. Da Antiguidade Tardia ao Ano Mil*. Taschen, Köln.

-1999, *O Mundo Românico. Cidades, Catedrais e Mosteiros*. Taschen, Köln.

BARROCA, Mário Jorge, 1990- «Contribuição para o estudo dos testemunhos pré-românicos de Entre-Douro-e-Minho. 1.Ajimezes, gelosias e modilhões de rolos». *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga, Actas do Congresso Internacional*, Separata do Vol. I, Braga, pp. 101-145.

-1991- «Em torno da residência senhorial fortificada. Quatro torres medievais na região de Amares». Separata da *Revista de História*, Vol. IX, Centro de História da Universidade do Porto, pp. 9-61.

-1992- Fichas das peças nºs 3 e 4 do Núcleo 1 do catálogo: *Nos Confins da Idade Média. Arte Portuguesa dos Séculos XII-XV*, Exposição Europália 91, Secretaria de Estado da Cultura-M.N.S.R., Porto, pp. 92-95.

-1994- *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)*. Comissão Portuguesa de História Militar, Lisboa.

-1998- «D. Dinis e a arquitectura militar portuguesa», *Revista da Faculdade de Letras-História*, II Série, Vol. XV, Porto, pp. 801-822.

-2000- *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Vols. I, II e III, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia, Porto.

-2000a- «Armamento medieval português. Notas sobre a evolução do equipamento militar das forças cristãs». *Pera Guerrejar- Armamento Medieval no Espaço Português*, coord. M. Barroca e J. G. Monteiro, Catálogo da Exposição em Lisboa e Palmela, Abril a Julho de 2000, Câmara Municipal de Palmela, Palmela, pp.37-76. No mesmo catálogo, as fichas das peças nºs 8,9 e 12.

BARRON, Alexandre Uscatescu, 1992- «Los platos de Gerasa (I): Decoraciones y iconografía». *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, 19, Univ. Autónoma Madrid, Madrid, pp. 361-379.

BARROS e eu, João de( pseudónimo),1985- *Marcos históricos da história de Palmela*, C.M.P., Palmela (policopiado).

BARROS, M. Filomena Lopes de, 1990- «As comunas muçulmanas em Portugal. Subsídios para o seu estudo». *Separata da Revista da Faculdade de Letras* , II Série, Vol. VII, Porto, pp. 85-100.

-1998, *A Comuna Muçulmana de Lisboa- sécs. XIV e XV*. Biblioteca de Estudos Árabes, Ed. Hugin, Lisboa.

-1999, «A Ordem de Avis e a minoria muçulmana». *Ordens Militares: Guerra, Religião, Poder e Cultura*, Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, Vol. II, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.

BAZL, Farajollah, 1939- *The Ceramic Art in Islamic Times, A Survey of Persian Art*. Vol II, London and New York.

BAZZANA, André, 1990- «Un fortin omeyyade dans le Shark Al-Andalus». *Archéologie Islamique*, 1, Ed. Maisonneuve & Larose, Paris, pp.87-108.

-1991, «La céramique verte y morado califale à Valence: Problèmes morphologiques et stylistiques». *A Ceramica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp.349-358.

-1998- «Hisn et territoire dans l'organisation du peuplement islamique dans al-Andalus». «*L'Incastellamento*». *Actes des Rencontres de Gérone (26-27 Nov. 1992) et de Rome (5-7 Mai 1994)*, Col. de l'École Française de Rome- 241, Roma, pp. 179-204.

BAZZANA, André, CRESSIER, Patrice, GUICHARD, Pierre, 1988- *Les Châteaux Ruraux d'Al-Andalus, Histoire et Archéologie des Husun du Sud-Est de l'Espagne*, Publications de la Casa de Velázquez, Série Archéologie XI, Madrid.

BENAKI MUSEUM ATHENS, 1980- *Early Islamic Ceramics, Ninth to Late Twelfth Centuries*. Vol. I, Islamic Art Publications, Atenas.

BERNUS- TAYLOR, Marthe, 1995- «La céramique de l' orient musulman des premiers siècles de l'islam». *Le Vert et Le Brun. Céramique du Xe au XVe siècle*, Marseille, pp. 59-66.

BERTI, Graziella e TONGIORGI, Liana, 1978- «Interventi recenti per ricostituire la decorazione a bacini su alcune chiese medievali Pisane». *Faenza* 64(5), Faenza, pp. 112-116.

BOIÇA, Joaquim e BARROS, Maria de Fátima R., 1999- «A mesquita-igreja de Mértola». *Ordens Militares- Guerra, Religião, Poder e Cultura*, Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, Vol. 2, Edições Colibri- Câmara Municipal de Palmela, Palmela, pp. 341-365.

BOISSELIER, Stéphane, 1998, *Naissance d'une Identité Portugaise. La vie rurale entre Tage et Guadiana de l'Islam à la Reconquête (Xe-XVe siècles)*. INCM, Lisboa.

BOON, James L., 1992- «The first two seasons of excavations at Alcaria Longa: A caliph-taifal period rural settlement in the lower Alentejo of Portugal». *Arqueologia Medieval 1*, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto, pp.51-64.

BORGES COELHO, António, 1994- «O domínio germânico e muçulmano». *O Livro de Lisboa*, Lisboa, pp. 75- 87.

BORGES, Artur Goulart M., 1993- «Ibn Qasi, rei de Mértola e mahdi luso-muçulmano». *Arqueologia Medieval 1*, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 209-215.

-1998- «Epigrafia árabe no Gharb». *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 227-234.

-1998 a- Fichas das peças 271, 272 e 297 a 308 do catálogo: *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, MNA, Lisboa, pp. 220-233, 244-252.

BRANDÃO, Frei António, 1973- *Monarquia Lusitana*. Partes Terceira e Quarta, I.N.C.M., Lisboa.

BRISH, Klaus et TALLI, 1971- *Museum Fur Islamische Kunst Berli*. Katalog, Berlin.

BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda, 1997 (no prelo)- «Urbanismo e presença oleira na baixa da Lisboa muçulmana». Colóquio *Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristão*, Out. 1997, Lisboa.

BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda; GOMES, Ana Sofia; SOUSA, M. João de, 2000 (no prelo), «POILIX- Projecto de investigação sobre a produção oleira em Lisboa, no período islâmico. Primeiros resultados e perspectivas futuras». *IV Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval- Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Tondela, 24 a 27 de Outubro de 2000, Tondela.

C.E.V.P.P., 1991- «Cerâmicas de época visigoda na Península Ibérica. Precedentes e perduraciones». *Actas do IV Congresso Internacional A Cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991, pp. 49-68.

CABALLERO ZOREDA, Luís, 1995- «El ultimo influjo clásico en la Lusitania Extremeña. Previvencia visigoda e innovación musulmana». *Los Ultimos Romanos en Lusitania*, Cuadernos Emeritenses-10, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp. 185-218.

-1998- «Arquitectura visigótica y musulmana. Continuidad, concurrencia o innovación?». *Ruptura o continuidad. Pervivencias preislámicas en Al-Andalus*, Cuadernos Emeritenses-15, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp. 143-176.

-1999 (no prelo)- «Tardoantiguo y prerrománico a la luz de la ruptura islámica». Simposio Internacional *Visigodos y Omeyas- Un Debate entre la Tardoantigüedad y la Alta Edad Media*, 21 a 23 Abril de 1999, Consorcio Monumental de la Ciudad de Mérida, Mérida.

CABRAL, J.M. Peixoto, 1981- «Determinação da proveniência das cerâmicas». *Arqueologia*, nº4, Dezembro, Porto, pp. 74-82.

CABRAL, J.M. Peixoto; SOARES, António Monge, 1984- «Datação pelo radiocarbono II- sobre a estimação do verdadeiro valor das datas convencionais de radiocarbono e a comparação de duas datas». *Arqueologia*, nº 10, pp. 89-99.

CALAIS, Cristina, 1998- «Outeiro de Povos- resultado preliminar das primeiras intervenções arqueológicas». *Cira 7*, Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1995/97, Vila Franca de Xira, pp. 47-74.

CALZADO, Miguel Alba, 1997- «Ocupación diacrónica del área arqueológica de Morería (Mérida)». *Mérida. Escavaciones Arqueológicas 1994-1995- Memoria*, 1, Consorcio Monumental de Merida, Mérida, pp. 285-301.

CAMPOS, Vicente, 1997- «Las sepulturas medievales. Introducción a su estudio práctico». *Acta Historica et Archaeologica Mediaevalia* 18, Barcelona, pp. 525-544.

CAPPELLI, Adriano, 1979- *Dizionario di abbreviature latine ed italiane*. 6ª edição, Milão.

CARBOILA, Maria de Fátima e MEXIA, Maria do Rosário, 1980- *Urbanismo Medieval em Palmela*. F.L.L., Lisboa (Policopiado).

CARDENAL, Micheline Grenier de, 1980- «Recherches sur la ceramique médiéval Marocaine». *La Céramique Médiéval en Méditerranée Occidentale - Xe-XVe siècles*, Editions CNRS, Paris, pp. 227-250.

CARDOSO, Francisca Alves, 1998- *Relatório antropológico do material osteológico proveniente do Castelo de Palmela*. Dep. Antropologia da Universidade de Coimbra (policopiado).

CARDOSO, João Luís, 1994- «A fauna de mamíferos da época muçulmana das Mesas do Castelhinho (Almodôvar). Materiais das campanhas de 1989-1992». *Arqueologia Medieval 3*, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 201-220.

-2000- «Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final». Encontro sobre Arqueologia da Arrábida, 6 e 7 de Novembro de 1998, *Trabalhos de Arqueologia 14*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp. 45-70.

CARVALHO, A e FARIA, João Carlos, 1995- «Cerâmicas muçulmanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal». *Arqueologia Medieval 3*, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 101-112.

CARVALHO, A.e FERNANDES, Isabel Cristina F., 1996- «Algumas cerâmicas muçulmanas da Lapa do Fumo (Sesimbra)». *Sesimbra Cultural 5*, Maio 1996, pp. 21-23.

CASAMAR, Manuel y ZOZAYA, Juan, 1991- «Apuntes sobre la yuba funeraria de la Colegiata de Oña (Burgos)». *Boletín de Arqueologia Medieval*, nº 5, A.E.A.M., Madrid, pp. 39-60.

CASTILLO ARMENTEROS, Juan Carlos, 1998- «La organización del espacio en el Alto Guadalquivir durante la época emiral». *Castillos y Territorio en Al-Andalus*, Jornadas de Arqueologia Medieval, Berja, 4 a 6 de Out. 1996, Ed. Athos-Pérgamos, Granada, pp. 42-70.

CATARINO, Helena, 1992- «Os sistemas defensivos muçulmanos do Algarve Oriental e o Castelo Velho de Alcoutim». *III CAME*, vol. II, Oviedo, pp. 296-305.

-1997 (no prelo)- «Cerâmicas da Baixa Idade Média e de inícios do período Moderno registadas no Castelo da Vila de Alcoutim». *III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Outubro de 1997, Tondela.

-1998- «O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados». *Al-Ulyâ*, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, nº 6, Vols. I, II e III, 1997-98, Loulé.

-2000 (no prelo), «Castelos e território omíada na Kura de Ossónoba». Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos- *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Câmara Municipal de Palmela, 3 a 8 de Abril de 2000, Palmela.

-2000a- «O castelo de Povos (Apontamentos sobre o período islâmico em Vila Franca de Xira)». *Catálogo da Exposição Senhor da Boa Morte- Mitos, História, Devoção*, 28 de Junho a 8 de 2000, Celeiro da Patriarcal, Vila Franca de Xira, pp. 43-51.

-2000b, «Topónimos Arrábida e a Serra da Arrábida». *Sesimbra Cultural*, Ano 1, nº1, Câmara Municipal de Sesimbra, Sesimbra, pp. 5-17.

CAVADA, Enrique, 1996- «In summolacco: continuità o discontinuità dell'insediamento, La fine delle ville romane: trasformazioni nelle campagne tra Tarda Antichità e Alto Medioevo». *1º Convegno Archeologico del Garda*, Gardone Riviera, 14 Out. 1995, Società Archeologica Padana s.r.l., Mantova, pp. 21-34.

CAVIRO, Balbina Martinez, 1975- «Sobre la loza primitiva de reflejo metálico». *Archivo Español de Arte*, Tomo XLVII, nº 189, Madrid, pp. 57-82.

CHAVES, Luís, 1940- «O castelo de Palmela na história». *Livro Comemorativo do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal no Concelho de Palmela-1140-1640-1940*, Câmara Municipal de Palmela, Palmela, pp. 15-25.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANDT, Alain, 1982- *Dictionnaire des Symboles*, Paris.

CHORÃO, Maria José Bigotte, 1991- «O cartório da Ordem de Santiago». *As Ordens Militares em Portugal*. Actas do 1º Encontro sobre Ordens Militares, Col. Estudos Locais, Câmara Municipal de Palmela, Palmela, pp. 23-39.

COELHO, Catarina, 1999- «A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra). Interpretação comparada». *Actas do II Congreso de Arqueologia Peninsular* (1996), Tomo IV- *Arqueologia Romana y Medieval*, Ed. Behrmann y Ramirez, Fundación Rei Afonso Henriques- Universidad de Alcalá, Zamora, pp. 527-536..

-2000 (no prelo)- «O Castelo dos Mouros (Sintra)». Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos- *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, 3 a 8 de Abril de 2000, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.

CORDEIRO DE SOUSA, J.M., 1937- «As inscrições do Castelo de Palmela». Separata da *Revista de Arqueologia*, Vol. III, Lisboa, pp.3-14.

CORREIA, Fernando Branco, 1996- «Espaços fortificados de época e influência islâmica na margem direita do curso médio do Guadiana». *Bataliús- El reino Taifa de Badajoz. Estudios*, Letrúmero, Madrid, pp. 77-88.

1998- «Fortificações islâmicas do Gharb», *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, MNA, Lisboa, pp. 193-206.

**COSTA, A J. Marques da, 1908- «Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal». O Archeologo Português, Vol. XIII, Imp. Nac., Lisboa,, pp.270-283.**

**CRESSIER, Patrice, 1990- «Le chapiteau emiral: les problèmes de son étude». Coloquio Internacionale de Capiteles Corintios Prerrománicos y Islámicos (S. VI-XII), Madrid, pp. 71-102.**

-1991- «El renacimiento de la escultura de capiteles en la época emiral: Entre Occidente y Oriente». *Cuadernos de Madinat al-Zahra*, Vol. 3, Cordoba, pp. 165-187.

-1995- «Los capiteles del Salón Rico: un aspecto del discurso arquitectónico califal». *Madīnat al-Zahrâ- El Salon de Abd al-Rahmân III*, Junta de Andalucía, Córdoba, pp. 83-104.

CRESSIER, Patrice e ERBATI, Larbi, 1999- «Note sur la forteresse almoravide du Tasgimût». *Archéologie Islamique*, 8-9, Maisonneuve et Larose, Paris, pp. 55-66.

CRESSIER, Patrice; PICON, Maurice, 1995- «Céramique médiévale d'importation à Azelik-Takkada (République du Niger)». *Actes du Ve Colloque International La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale*, Rabat, pp. 390-398.

CUNHA SERRÃO, E. da e SERRÃO, Vítor, 1997- *Sesimbra monumental e artística*. Câmara Municipal de Sesimbra, Sesimbra.

CUNHA SERRÃO, Eduardo da, 1975- «Contribuições arqueológicas do sudoeste da península de Setúbal». *Setúbal Arqueológica*, 1, Junta Distrital de Setúbal, Setúbal, pp. 199-226.

CUSTÓDIO, Jorge, 1993- «Almada mineira, manufactureira e industrial». *Al-Madan*, II Série, nº 2, Julho, pp. 89-103.

-1998, Fichas das peças 8 e 9 do catálogo: *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, MNA, Lisboa, pp.75 e 76.

D.G.E.M.N., 1943-44- *O castelo de Sesimbra*, Boletins nºs 34-35, Porto.

DAOULATLI, Abdelaziz, 1980- «La céramique ifriqiyenne du IXe au XVe Siècle». *La Céramique Médiéval en Méditerranée Occidentale - Xe-XVe siècles*, Editions CNRS, Paris, pp.197-202.

-1995- «La production vert et brun en Tunisie du IXe au XIIe siècles. Étude historique et stylistique». *Le Vert et Le Brun, Céramique du Xe au XVe siècle*, Marseille, pp. 69-89.

DIAS, Manuela Alves, 1998- Ficha da peça nº 24 do catálogo *Portugal islâmico, os últimos sinais do Portugal Islâmico, Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 88.

DOGSON, Eduardo Spencer, 1914-«Inscrições latinas e portuguesas». *O Arqueólogo Português*, vol. XIX, Imprensa Nacional, Lisboa, pp. 284-289.

DOZY, Reinhart P., 1988- *Historia de los Musulmanes de España*. Tomos I a IV, Ed. Turner, Madrid.

DUBLER, César G., 1946- «La cronica arábigo-bizantina de 741». *Al-Andalus*, XI, 2, Madrid-Granada, pp. 287-349.

ESCRIBÀ, Felisa, 1990- *La Ceramica Califal de Benetússer*. Min. Cultura, València.

ETTINGHAUSEN, Richard y GRABAR, Oleg, 1996- *Arte y Arquitectura del Islam (650-1250)*. Ediciones Cátedra, Madrid.

EWERT, Christian, 1995- «La mezquita de Cordoba: santuario modelo del Occidente Islamico». *La Arquitectura del Islam Occidental*, El Legado Andalusi, Lunwerg editores, S.A., Madrid, pp. 53-68.

FARINHA, António Dias, 1989- «O imaginário da cidade muçulmana». Compilação das comunicações apresentadas no *Colóquio sobre O Imaginário da Cidade*, Outubro de 1985, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 59-75.

-1997 (Estudo Crítico, Introdução e Notas)- *Crónica de Almançor Sultão de Marrocos (1578-1603)*, Instituto de Investigação Científica e Tropical, Lisboa.

FERNANDES, Isabel Cristina F., 1985- «Espólio da necrópole dos Pombais (I)». *Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Junho, Castelo de Vide, pp. 101-116.

-1999, «Taça islâmica com decoração antropomórfica, proveniente do castelo de Palmela». *Arqueologia Medieval 6*, Campo Arq. de Mértola, Ed. AfrontamentoPorto, pp. 79-100.

-1993- «Palmela-programa de recuperação e animação do castelo e intervenção arqueológica». *Al-Madan*, II Série, nº 2, Julho, pp. 134-135.

-1997 (no prelo)- «A península de Setúbal em época islâmica». *Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos*, Colóquio, Out. 97, Lisboa.

-1997a- «Ocupação romana do Escatelar. Algumas referências». *Al-Madan*, II Série, nº 6, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 162-163.

-1998- Ficha da Peça nº 15 do Catálogo *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 79.

-1999- «Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do Castelo de Palmela». *Arqueologia Medieval 6*, Campo Arq. Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 79-99.



-1999a (no prelo)- «Castelos da Ordem de Santiago: a região do Sado». 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, *Fortificações dos Reinos Cristãos: origens e evolução (séc. IX– XIV)*, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 22 a 26 de Setembro, Vila Real.

-1999b (no prelo)- «Revestimentos e decoração em cerâmica islâmica de Palmela- Portugal», *VII Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée*, 11 a 16 de Outubro de 1999, Tessalónica.

-2000 (no prelo)- «O Castelo de Palmela: herança islâmica e domínio da Ordem de Santiago», *Simpósio Internacional sobre Castelos, Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, 3 a 8 de Abril de 2000, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.

FERNANDES, Isabel Cristina F. e ANTUNES, Luis Pequito, 1999- «Contributos para o estudo da iconografia santiaguista: uma medalha proveniente de contexto arqueológico do Castelo de Palmela», *Actas do III Encontro sobre Ordens Militares*, 22 a 25 de Janeiro de 1998, Palmela, Vol. II, pp.373-384.

FERNANDES, Isabel Cristina F. e CARVALHO, A. Rafael, 1993– *Arqueologia em Palmela, 1988-92*. Catálogo da exposição no Castelo de Palmela, 28 Agosto a 19 de Dezembro de 1993, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.

-1995- «Cerâmicas baixo-medievais da casa nº 4 da R. do Castelo (Palmela)». *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós- Medieval*, Tondela-28-31 Out.1992, Porto, pp. 77-96.

-1997– «Cerâmicas muçulmanas do castelo de Palmela». *Actes du VIe Congrès de l’AIECM2, La céramique médiévale en Méditerranée*. 13-18 Nov. 1995, Narration Éditions, Aix-en-Provence, pp. 327-335.

-1997a- «Abordagem arqueológica da Palmela medieval cristã». *Arqueologia Medieval* nº 5, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto, pp. 221-241.

1997b- «Intervenção arqueológica na Rua de Nenhures (Palmela)», *Setúbal Arqueológica*, Vol. 11-12, Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste- Novembro 1991, Setúbal, pp. 279-295.

-1999- «Elementos para o estudo da ruralidade muçulmana na região de Palmela». *Actas do II Congreso de Arqueologia Peninsular (1996)*, Tomo IV- *Arqueologia Romana y Medieval*, Ed. Behrmann y Ramirez, Fundación Rei Afonso Henriques- Universidad de Alcalá, Zamora, pp. 517-526.

FERNANDES, LÍDIA, 1994- «O culto vicentino na formação do reino português». *Arqueologia Medieval* 3, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 221-231.

FERNANDES, Mário, 1993- «Documentos relativos à história de Almada. A igreja da N. Sra. da Assumpção.» *Al-Madan*, II série, nº 2, Julho, pp. 111-115.

FERREIRA, Carlos Jorge *et al.*, 1993- *O património arqueológico do Distrito de Setúbal – Subsídios para uma Carta Arqueológica*, Ass. Dist. Setúbal, Setúbal.

FERREIRA, L. Filipe e GONÇALVES, L. Jorge, 2000 (no prelo)- «O castelo de Sesimbra– um castelo de fronteira marítima», *Simpósio Internacional sobre Castelos- Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Palmela, 3 a 8 de Abril de 2000.

FLORES, Alexandre M. e NABAIS, António J., 1992- *Os forais de Palmela*, Câmara Municipal de Palmela., col. Estudos Locais, Palmela.

FORTUNA, António Matos, 1988- «Digressões à volta do nome de Palmela», *Jornadas de Divulgação e Análise do Passado de Palmela*, 14-15 Março de 1987, Câmara Municipal de Palmela, Col. Estudos Locais, Palmela, pp. 37-49.

-1990- *Misericórdia de Palmela. Vida e Factos*, Palmela.

-1994- *Priores Mores do Real Convento e Provedores da Sta. Casa da Misericórdia de Palmela*, Santa Casa da Misericórdia de Palmela, Palmela.

-1995- *Extinção e restauração do Concelho. Um combate singularmente duro*, Monografia de Palmela 3, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.

-1997- *Memórias da Agricultura e Ruralidade do Concelho de Palmela*, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.

FUERTES SANTOS, Maria del Camino e VIRSEDA, Marina González, 1994- «Avance al estudio tipológico de la cerámica medieval del yacimiento de Cercadilla, Córdoba. Materiales emirales». *Actas do IV Congreso de Arqueologia Medieval Española: Sociedades em Tansición*, Tomo III- Comunicaciones, Alicante, Outubro 1993, Ed. Assoc. Esp. Arq. Medieval e Diputación Provincial de Alicante, pp. 771-778.

GAMA BARROS, H., 1936- «Judeus e mouros em Portugal, em tempos passados». *Revista Lusitana*, Vol. 34, nºs 1-4, Lisboa, pp. 168-265.

-1944, *História da Administração Pública em Portugal. Sécs. XII a XV*. 2ª ed., T.II, Liv. Clássica Editora, Lisboa.

GARCIA DOMINGUES, José, 1997- *Portugal e o al-Andalus*. Ed. Hugin, Lisboa.

GARCIA, Mercedes Mesquida, 1989- *La Cerámica de Paterna al Segle XIII*. Ajunt. de Paterna, Paterna.

GASPAR, Alexandra e AMARO, Clementino, 1997- «Cerâmicas dos sécs. XIII-XV da cidade de Lisboa». *Actes du Ve Congrès La Céramique Médiévale en Méditerranée*, Nov. de 1995, Aix-en-Provence, pp. 337-345.

GASPAR, Alexandra e GOMES, Ana, 1997 (no prelo)- «Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos do castelo de S. Jorge». *Colóquio Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos*- Out. 97.

-2000 (no prelo)- «O Castelo de S. Jorge: resultados dos trabalhos arqueológicos». *Simpósio Internacional sobre Castelos- Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Palmela, 3 a 8 de Abril de 2000.

GASPAR, Alexandra e PRUDÊNCIO, Isabel, 1999 (no prelo) «Islamic pottery from Lisbon: the white painting group». *VII Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée*, 11 a 16 de Outubro de 1999, Tessalónica.

GAUTIER, Jeanne, 1980- «Céramique» *La Vie Mystérieuse des Chefs-d'Oeuvre*, La Science au Service de l'Art, Paris, pp. 141-172.

GAYRAUD, Roland-Pierre, 1999- «Le Qarâfa Al-Kubrâ, dernière demeure des Fatimides», *L'Égypte Fatimide, Son Art et Son Histoire*, Dir. Marianne Barrucand, Presses de l' Université de Paris-Sorbonne, Paris, pp. 443-464.

GLICK, Thomas F., 1995- *From muslim fortress to christian castle. Social and cultural change in medieval Spain*. Manchester University Press, Manchester.

GOMES, Alberto, 1996- *Moedas Portuguesas e do Território Português antes da Fundação da Nacionalidade*, 2ª ed., Lisboa.

GOMES, Rosa Varela, 1988- *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves*. Xelb, 1, Silves.

-1989- «A arquitectura militar muçulmana». *Portugal no Mundo, História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, dir. de Rafael Moreira, P. Alfa, Lisboa, pp.27-54.

-1991- «Cerâmicas muçulmanas, orientais e orientalizantes do Castelo de Silves». *O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Estudos Orientais, II, Lisboa, 1991, pp.13 a 40.

- 1993- «Fragmento de placa insculturada do castelo de Silves». *Arqueologia Medieval*, 2, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, pp. 79-83.
- 1995- «Cerâmicas muçulmanas de Silves, dos séculos VII a IX». *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Câmara Municipal de Tondela, Porto, pp. 19-32 .
- 1998- «Contributo para o estudo das cerâmicas com decoração a verde e castanho de Silves». *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, Maio de 1995, Porto, pp. 43-55.
- 1998a- Fichas das Peças n<sup>os</sup> 65, 74 e 324 do Catálogo *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp.102, 150, 267.
- GOMÉZ MARTINEZ, Susana, -1994, La cerámica verde y morado de Mértola (Portugal). *Arqueologia Medieval* n<sup>o</sup> 3, C.A. M., Ed. Afrontamento, Porto, pp. 113-132.
- 1997- «Cerâmica decorada islâmica de Mértola– Portugal (ss. IX– XIII)». *Actes du Ve Congrès de l’AIECM2 La Céramique Médiévale en Méditerranée*, 13-18 Nov. 1995, Aix-en-Provence, pp.311-325.
- 1997a- «Loiça dourada de Mértola». *Arqueologia Medieval* 5, C.A.M., Edições Afrontamento, Porto, 1997, pp. 137-162.
- 1998- «A cerâmica no Gharb al-Ândalus». *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, MNA, Lisboa, pp. 121-131.
- 1998a- «A cerâmica de verde e manganés do Castro da Cola (Ourique)». *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, Maio de 1995, Porto, pp. 57-65.
- GÓMEZ-MORENO, Manuel, 1951- «El arte árabe español hasta los Almohades, Arte Mozárabe», *Ars Hispaniae*, vol. III, Madrid.
- 1998- *Iglesias Mozárabes. Arte Español de los Siglos IX a XI*, Edição Facsimile, Col. Archivum, Universidad de Granada, Granada.
- GONÇALVES, Ana, 2000- Fichas das peças n<sup>os</sup> 27 e 28 no catálogo *Pera Guerrejar-Armamento Medieval no Espaço Português*, coord. M. Barroca e J. G. Monteiro, Câmara Municipal de Palmela, Palmela, pp.287-289.
- GONÇALVES, J.C.de Sousa, 1903- *O Castello de Palmella. Breve Notícia Histórica*. Imprensa Commercial, Lisboa.
- GONZAGA de AZEVEDO, Luis, 1942- *História de Portugal*. Lisboa.
- GRABAR, André, 1968- *L’Art de la Fin de l’Antiquité et du Moyen Age*, Vol. II, Paris.
- GRABAR, Oleg, 1973- *La Formación del Arte Islámico*. Ed. Catedra de 1996, Madrid.
- 1992- «L’art omeyyade en Syrie, source de l’art islamique». *Actes du Colloque Internationale La Syrie de Byzance à l’Islam, VIIe- VIIIe siècles*, Institut Français de Damas, Damas, pp. 187-193.
- GRUBE, Ernst J., 1976- *Islamic Pottery of the Fifteenth Century in the Keir Collection*. London.
- GUALIS, Gonzalo M. Borrás,1994- *El Islam- De Córdoba al Mudéjar*. Ed. Sílex, Madrid.
- GUERRA, Amílcar, 1995- *Plínio-O-Velho e a Lusitânia*, Edições Colibri, Lisboa.
- GUERRA, Amílcar e FABIÃO, Carlos, 1993- «Uma fortificação omíada em Mesas do Castelhinho (Almodôvar)». *Arqueologia Medieval* 2, Campo Arq. Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 85-102.

-2000 no prelo), «Mesas do Castelhinho, Almodôvar: uma fortificação rural islâmica do Baixo Alentejo», *Simpósio Internacional sobre Castelos- Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, 3 a 8 de Abril de 2000, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.

GUICHARD, Pierre, 1990- *Les Musulmans de Valence et la Reconquête (XI- XIII siècles)*, Tomo 1, Institut Français de Damas, Damas.

-1995- «La España musulmana- Al-Andalus omeya (Siglos VIII-XI)». *Historia de España 7*, Madrid.

-1998- *Al-Andalus. Estructura Antropológica de una Sociedad Islámica en Occidente*. Est. Preliminar de A. Malpica Cuello, Col. Archivum, Universidad de Granada, Granada.

GUTIÉRREZ, Alejandra, 1995- «La cerámica aragonesa de los siglos XII al XVII». *Spanish Medieval Ceramics in Spain and British Isles*, BAR International Series 610, pp. 101-109.

GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José Avelino, 1994- «Castillos y fortificaciones en León durante la Edad Média». *ArqueoLéon, Historia de León Através de la Arqueología*, Actas do Ciclo de Conferencias, León, pp. 163-170.

GUTIERREZ LLORET, Sonia, 1994- «De la *civitas* a la *madîna*: destrucción y formación de la ciudad en el sureste de al-Andalus. El debate arqueológico». *Actas do IV Congreso de Arqueología Medieval Española: Sociedades em Tansición*, Tomo I- Ponencias, Alicante, Outubro 1993, Ed. Assoc. Esp. Arq. Medieval e Diputación Provincial de Alicante, pp. 13-35.

-1996- *La Cora de Tudmîr de la Antigüedad Tardía al mundo islâmico – poblamiento y cultura material*. Casa de Velazquez, Madrid- Alicante.

-1996a- «La producción de pan y aceite en ambientes domésticos». *Arqueología Medieval 4*, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, pp. 237-254.

GÚZMAN, Rafael López, 1995-«La arquitectura de los almorávides». *La Arquitectura del Islam Occidental*, El Legado Andalusi- Granada, Lunverg Editores, Barcelona-Madrid, pp.107-116.

HEDGES, R.E.M., 1976- «Research notes and application reports. Pre-Islamic glazes in Mesopotamia – Nippur». *Archaeometry* 18, 2 (1976), Oxford, pp.209-213.

HERCULANO, Alexandre, 1981- *História de Portugal*. Prefácio e notas críticas de José Mattoso, T. II, Lisboa.

HOFFMEYER, Ada Bruhn de, 1982- *Arms & Armour in Spain- II- A Short Survey*. CSIC, Madrid.

HUICI MIRANDA, Ambrosio, 2000- *Las Grandes Batallas de la Reconquista durante las Invasiones Africanas*. Ed. Facsímil, Granada.

ICPDS (International Centre for Diffraction Data ), 1980- *Mineral Powder Diffraction File - Data Book*, U.S.A.

JORGE, S.O.; JORGE, V.O.; CUNHA SERRÃO, E., 1975- «Castelo de Sesimbra: relatório de uma sondagem preliminar na área da antiga casa de habitação do alcaide-mor (princípios do séc. XVI)». *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 1, pp. 181- 198.

JUAN GARCÍA, Antonio de; KLINK, A. Caballero; FERNANDEZ RODRIGUÉZ, M., 1995- «Alarcos medieval: La batalla de Alarcos». *Alarcos 95. El Fiel de la Balanza*. Serv. Pub. de la Junta de Comunidades de Castilla-la-Mancha, Toledo, pp. 41-60.

-1995a- «Alarcos: Diez años de investigación arqueológica». *Alarcos 1195- Actas del Congreso Internacional Conmemorativo del VIII Centenario de la Batalla de Alarcos*, Col. Estudios, pp. 225-248.

KHAWLI, Abdallah, 1992- «Lote de cerâmica epigrafada em estampilhagem de Mértola». *Arqueologia Medieval 1*, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, Ed. Afrontamento, pp. 7-25.

-1993- «Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola». *Arqueologia Medieval 2*, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, Ed. Afrontamento, pp. 63-78.

-1994- «Arcos estampilhados da cerâmica islâmica de Mértola». *Arqueologia Medieval 3*, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, Ed. Afrontamento, pp. 133-145.

KIANI, M.Y., 1984- *The Islamic City of Gurgan*. Berlim.

KJELLBERG, Pierre, 1976- *Toute La Céramique Islamique Réportoriée par Familles de Décors*. *Connaissance des Arts*, 287, Jan. , Paris, pp. 28-39.

LAGARDÈRE, Vincent, 1993- *Campagnes et Paysans d'al-Andalus (VIIIe- Xve s.)*. Col. Islam-Occident, Maisonneuve & Larose, Paris.

-1995- *Histoire et Société en Occident Musulman au Moyen Âge*. Coll. de la Casa de Velazquez, Madrid.

LANE, Arthur, 1947- *Early Islamic Pottery- Mesopotamia, Egypt and Persia*. London..

LEAL, Vanessa Oliveira, 2000- «Rua da Judiaria (Almada): o espólio cerâmico do Silo 7». *Al-Madan*, II Série, nº 9, pp.202-205.

LEGUAY, Jean-Pierre, MARQUES, A.H. de Oliveira, BEIRANTE, Maria Ângela, 1993- *Portugal das Invasões Germânicas à Reconquista*. Vol. II da Nova História de Portugal, dir. Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, Lisboa.

LÉVI-PROVENÇAL, 1996- *L'Espagne Musulmane au X ème Siècle. Institutions et Vie Sociale*. Maisonneuve et Larose, Paris.

LILLO, Sergio Martinez, 1990- «Hornos califales de Toledo». *Fours de Potiers et Testares Medievales en Mediterranée Occidentale- Méthodes et Résultats*, Pub. Casa Velazquez, Madrid, pp.45-61.

-1994- «Un ribat interior en la Marca Media. El caso de Talabira». *Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia*, U.A. de Madrid, 21, pp. 297-291.

LOMAX, Derek W., 1965- *La Orden de Santiago (1170 – 1275)*. C.S.I.C., Madrid.

LOPES, Virgílio, 1993- « Materiais arqueológicos». *Museu de Mértola: Basílica Paleocristã-Catálogo*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp.66-101.

MACÍAS, Santiago, 1991- «Um conjunto cerâmico de Mértola- Silos 4 e 5». *A Ceramica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp.405-427.

-1992- «O Gharb al-Andaluz. Resenha dos factos políticos», *História de Portugal*, Dir. José Mattoso, Vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa, pp. 417-431.

-1993- «Moura na Baixa Idade Média: Elementos para um estudo histórico e arqueológico». *Arqueologia Medieval 2*, C.A.Mértola, Edições Afrontamento, Porto, pp.127-157.

-1996, *Mértola islâmica- Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (Séc. XII-XIII)*. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

-1998, Ficha da Peça nº 64 do Catálogo *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 101.

MAIA, Manuel; MAIA, Maria; TORRES, Cláudio, 1998- Ficha da Peça nº 61 do Catálogo *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p.99.

MÂLE, Émile, 1902- *L'Art Religieux du XIII siècle en France: Étude sur l'Iconographie du Moyen Age et sur ses Sources d'Inspiration*. Paris.

MALPICA CUELLO, Antonio, 1998- «Los castillos en época nazarí. Una primera aproximación». *Castillos y Territorio en Al-Andalus*, Jornadas de Arqueologia Medieval, Berja, 4 a 6 de Out. 1996, Ed. Athos-Pérgamos, Granada, pp. 294-308.

MANZANO MORENO, Eduardo, 1998- «Árabes, bereberes y indígenas: al-Andalus en su primer período de formación». «*L'Incastellamento*». *Actes des Rencontres de Gérone (26-27 Nov. 1992) et de Rome (5-7 Mai 1994)*, Col. de l'École Française de Rome- 241, Roma, pp. 157-178.

-1999 (no prelo)- «La conquista del 711: transformaciones y pervivencias». *Simposio Internacional Visigodos y Omeyas- Un Debate entre la Tardoantigüedad y la Alta EdadMedia*, 21 a 23 Abril de 1999, Consorcio Monumental de la Ciudad de Mérida, Mérida.

MARÇAIS, George, 1991- *El Arte Musulmán*. Ed. Cátedra, Madrid.

MARINHO, J. R., 1968- *Moedas muçulmanas de Beja e de Silves (um achado monetário no concelho de Sesimbra)*. Sesimbra.

MARQUES, José, 1997- «Aspectos culturais em visitasões das Ordens Militares». *As Ordens Militares em Portugal*. Actas do I Encontro sobre Ordens Militares, Câmara Municipal de Palmela, 3 a 5 de Março de 1989, Palmela, pp. 11-28.

MARTINEZ, Carlos de la Casa e ESTEBAN, M. Doménach, 1883- *Estelas Medievales de la Provincia de Soria*. Pub. de la Diputación Provincial de Soria, Col. Temas Sorianos, nº 6, Soria.

MATA, Joel S. Ferreira, 1992- «As marinhas de sal do mosteiro de Santos nos sécs. XIV e XV». *As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa*. Actas do II Encontro sobre Ordens Militares, Palmela, 2,3 e 4 de Outubro de 1992, Lisboa, 205-216.

-1999- «O senhorio de Coina no contexto do património do Mosteiro de Santos (Séc. XIV-XV)». *Ordens Militares: Guerra, Religião, Poder e Cultura*. Actas do III Encontro Sobre Ordens Militares, Vol. II, Câmara Municipal de Palmela- Edições Colibri, Palmela, pp. 105-130.

MATOS, José Luis, 1991a, «Influencias orientais na cerâmica muçulmana do Sul de Portugal». *Estudos Orientais II, O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Instituto Oriental, Lisboa, pp. 75-83.

-1991b- «Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila». *A Ceramica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp.429-456.

MATTOSO, José, 1982- *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros*. Guimarães Editora, Lisboa.

-1985- *Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal (1096/1325)*. Vol. I e II, Ed. Estampa, Lisboa.

-1992- *Portugal Medieval, Novas Interpretações*. INCM, Lisboa.

-1993- *História de Portugal*, Vol. II, Círculo de Leitores, Lisboa.

MAYET, Françoise e TAVARES DA SILVA, Carlos, 2000- «La place de Troia dans l'économie de l'Hispanie romaine». Encontro sobre Arqueologia da Arrábida, 6 e 7 de

Novembro de 1998, *Trabalhos de Arqueologia 14*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp. 85-100.

2000a- «Os fenícios no estuário do Sado». Encontro sobre Arqueologia da Arrábida, 6 e 7 de Novembro de 1998, *Trabalhos de Arqueologia 14*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp. 71-83.

MAZZOLI-GUINTARD, Christine, 1996- *Villes d'al-Andalus. L'Espagne et le Portugal à l'Époque Musulmane (VIIIe-XVe siècles)*, Presses Universitaires de Rennes, Rennes.

MEINECKE-BERG, Viktoria, 1999- «Fatimid painting: on tradition and style. The workshop of Muslim». *L'Égypte Fatimide, Son Art et Son Histoire*, Dir. Marianne Barrucand, Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, Paris, pp. 349-358.

MENDONÇA, Manuela, 1994- «A conquista de Sesimbra em 1165». *Sesimbra Cultural*, nº 4, Câmara Municipal de Sesimbra, Dez. 1994, p.19.

MENÉNDEZ PIDAL, Juan, 1921- *Sellos Españoles de la Edad Media*. Catálogo I da Sección de Sigilografía do Archivo Histórico Nacional, Madrid.

MICHEL, H.V.; FRIERMAN, J.D.; ASARO, F., 1976- «Chemical composition patterns of ceramic wares from Fustat, Egypt». *Archaeometry*, 18, 1, Oxford, pp. 85-82.

MOHEDANO BARCELÓ, José, 1999- «*Ibn Abdûn* de Évora, poeta, erudito y hombre de estado, y la crisis espiritual del s. X en al-Andalus». *Bataliús II- Nuevos Estudios sobre el Reino Taifa*, Ed. Letrúmero, Madrid, pp. 61-106.

MOLINARI, Alessandra, 1995- «L'Italie du Sud». *Le Vert et Le Brun, Céramique du Xe au XVe siècle*, Marseille, pp. 118-125.

-1995b- «La produzione e la circolazione delle ceramiche siciliane nei secoli X-XIII». *Actes du Ve Colloque International La Céramique Médiéval en Méditerranée Occidentale*, Rabat, pp.191-198.

MONTEIRO, J. Gouveia, 1998- *A Guerra em Portugal nos Finais da Idade Média*. Editorial Notícias, Lisboa.

-1999- «Arcaísmo ou modernidade do exército português nos finais da Idade Média? O contributo das ordens militares». *Ordens Militares- Guerra, Religião, Poder e Cultura*, Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, Vol. II, pp. 259 – 275

-1999a- *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Edições Colibri- Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

MORA-FIGUEROA, Luís de, 1996- *Glosario de Arquitectura Defensiva Medieval*. Universidad de Cádiz e Cátedra General Castaños, 2ª Edição, Cádiz.

-1998- «Influjos recíprocos entre la fortificación islámica y la cristiana en el medievo hispánico». *I Congreso Internacional Fortificaciones en al-Andalus*, Algeciras, Nov-Dez. 1996, Ayuntamiento de Algeciras, Algeciras, pp. 147-155.

MUÑIZ, Arturo Morales, 1993- «Estudio faunístico del yacimiento islámico de Mertola: los mamíferos». *Arqueologia Medieval 3*, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 263-271.

NAVARRO, Araceli Guglieri, 1974- *Catálogo de Sellos de la Sección de Sigilografía del Archivo Histórico Nacional*. Tomo III, Archivo Histórico Nacional, Madrid.

NETO, Maria João Baptista, 1997- *James Murphy e o Restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória no Séc. XIX*, Editorial Estampa, Lisboa.

NORTHEGE, Alastair, 1997- «Les origines de la céramique à glaçure polychrome dans le monde islamique». *Actes du Ve Congrès de l'AIECM2*, Aix-en-Provence Nov. 1995, Aix-en-Provence, pp. 213-223.

PAIS, João, 1996- «Paleoetnobotânica (finais do séc. XI a sécs. XIII/XIV) do Sul de Portugal-Setúbal, Mértola e Silves». *Arqueologia Medieval* 4, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 277-282.

PAIXÃO, A. C.; FARIA, J.C.; CARVALHO, A.R, 1994- «O castelo de Alcácer do Sal : um projecto de arqueologia urbana». *Actas do III Encontro de Arqueologia Urbana*, Braga, 1994, *Bracara Augusta*, vol. XLV, nº 97 (110), C.M.Braga, 1994, p. 227.

-2000 (no prelo)- «Aspectos da presença almohade em Alcácer do Sal (Portugal)». *Simpósio Internacional sobre Castelos- Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, 3 a 8 de Abril de 2000, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.

PALAZON, Julio Navarro, 1980- «Cerámica musulmana de Murcia (España) con representaciones humanas». *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale - Xe-XVe siècles*, Editions CNRS, Paris, pp.317-320.

-1986 a- «El cementerio islámico de San Nicolás de Murcia. Memoria preliminar». *Actas del I Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Zaragoza, pp. 7-38.

-1986b- *La Ceramica Esgrafiada Andalusi de Murcia*, Pub. Casa Velazquez, Madrid.

-1990- «Los materiales islámicos de San Nicolás de Murcia». *Fours de Potiers et Testares Médiévaux en Méditerranée Occidentale- Méthodes et Résultats*, Pub. Casa Velazquez, Madrid, pp. 30-43.

PALAZON, Julio Navarro e CASTILLO, Pedro Jimenez, 2000 (no prelo)- «La yesería en época almohade». *Los Almohades I: Los Vectores del Mensaje Almohade (Arte, Epigrafía, Numismática)*, Junho de 2000, Casa de Velazquez- CSIC- CNRS Lyon, Madrid.

PAVON MALDONADO, Basílio, 1967- «Notas sobre la ceramica hispanomusulmana». *Cronica Arq. Esp. Musulmana*, LX, *Al-Andalus*, XXXII, 1, Madrid-Granada, pp.415-438 .

-1972- «La loza doméstica de Madinat Al-Zahra». *Cronica Arq. Esp. Musulmana*, LXIX, *Al-Andalus*, XXXVII, 1, Madrid-Granada, pp. 191-224.

-1990- *Tratado de Arquitectura Hispano- Musulmana. I- Agua.*, C.S.I.C., Madrid.

-1996- *Arquitectura Islámica y Mudéjar en Huelva y su Provincia*. Huelva.

-1999- *Tratado de Arquitectura Hispano- Musulmana. II -Ciudades y Fortalezas*. C.S.I.C., Madrid.

PEREIRA, Fernando António Baptista, 1992- Ficha da peça nº 132, catálogo *Arqueologia em Palmela 1988/92*, Câmara Municipal de Palmela, Palmela, p. 57.

PEREIRA, Gabriel, 1934- *Estudos Diversos*. Imprensa da Universidade, Coimbra, pp. 390-394.

PEREIRA, Maria Teresa Lopes, 2000- *Alcácer do Sal na Idade Média*. Edições Colibri e Câmara Municipal de Alcácer do Sal, Lisboa.

PEREZ MACIAS, Juan Aurelio e BEDIA, 1993, «Un lote de cerámica islámica de Niebla». *Arqueologia Medieval* 2, C. A. Mértola, Edições Afrontamento, Porto, pp.55-62.

PICARD, Christophe, 1986- *Le Gharb al-Andalus- étude régionale d'après les sources littéraires arabes et archéologiques*. Thèse de 3ième Cycle, Paris-Sorbonne.

-1991- *Histoire du Portugal et de l'Espagne Occidentale à l'époque musulmane- debut VIII ième- milieu XIII*. Lib. Orientaliste, Paris (Tese de Doutoramento).



- 1991a- «La fondation de Badajoz par Abd al-Rahman Ibn Yunus al-Jilliki (fin IXe Siècle)». *R.E.I.*, 49, 1981, pp. 215-229.
- 1992- «Le renouveau urbain en occident ibérique aux IXe- Xe siècles, sous l'impulsion des seigneurs muwalladun». *23e Congrès des Historiens Médiévalistes de l'Enseignement Supérieur*, Brest, Publications de la Sorbonne, Paris.
- 1996 (no prelo)- «Les défenses côtières de la façade Atlantique d'al- Andalus». *Castrum 7. Zones Côtières et Plaines Littorales dans le Monde Méditerranéen au Moyen Âge: défense, peuplement, mise en valeur*, École Française de Rome, 23-26 Octobre.
- 1997- *La Mer et les Musulmans d'Occident au Moyen Age (VIIIe -XIIIe siècle)*. Col. Islamiques, P:U:F:, Paris.
- 1997a- *L'Océan Atlantique Musulman. De la Conquête Arabe à l'Époque Almohade*. Maisonneuve & Larose, Éditions Unesco, Paris.
- 1998- «A islamização do Gharb al- Ândalus». *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa pp. 25-34.
- 2000 (no prelo), «Les ribats au Portugal à l'époque musulmane: sources et définitions». *Simpósio Internacional sobre Castelos- Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, 3 a 8 de Abril de 2000, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.
- 2000a- *Le Portugal musulman (VIIIe-XIIIe siècle). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*. Maisonneuve & Larose, Paris.

PICARD, Christophe e FERNANDES, Isabel Cristina F., 1999- «La défense côtière au Portugal à l'époque musulmane: l'exemple de la presqu'île de Setúbal». *Archéologie Islamique*, 8-9, (1998), Maisonneuve & Larose, Paris, pp. 67-94.

PICON, Maurice; THIRIOT, Jacques et VALLAURI, Lucy, 1995- «Techniques, evolutions et mutations». *Le Vert et Le Brun, de Kairouan a Avignon, Ceramiques du Xe au XVe Siècle*, Marseille, pp. 41-50.

PIEDRA, Carlos Cano, 1993- «La ceramica de Madinat Ilibira». *La Ceramica Altomedieval en el Sur de Al-Andalus*, Universidad de Granada, Granada, pp. 273-284.

PUENTE, Cristina de la, 1999- «El yihâd en el califato omeya de Al-Andalus y su culminación bajo Hisâm II». *La Península Ibérica y el Mediterráneo entre los Siglos XI y XII, II, Almanzor y los Terrores del Milenio*, Codex Aquilarensis, Cuadernos de Investigación del Monasterio de Santa María la Real, 14, Aguilar de Campo, pp. 23-38.

RAFAEL, Lígia, 1998- Fichas das Peças n.ºs 209 a 215, 275 e 276 do Catálogo *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 170 e 224.

RAPOSO, Luís e CARDOSO, João Luís, 2000- «A gruta da Figueira Brava (Setúbal) no contexto do Paleolítico Médio Final do Sul e Ocidente Ibéricos». Encontro sobre Arqueologia da Arrábida, 6 e 7 de Novembro de 1998, *Trabalhos de Arqueologia 14*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp. 7-20.

RASTEIRO, Joaquim, 1897- «Notícias archeologicas da peninsula da Arrábida». *O Archeologo Português*, Vol. III, n.ºs 1 e 2, pp. 1-49.

RAU, Virgínia, 1951- *A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal*. Estudo de História Económica, I, Lisboa.

-1984- *Estudos sobre a História do Sal Português*. Ed. Presença, Lisboa.

REAL, Manuel Luís, 1995- «Inovação e resistência: Dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular». *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa- 28 Set. a 2 Out. de 1992, Barcelona, pp.17-68.

-1998- Ficha da Peça nº 14 do Catálogo *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 79.

-1999 (no prelo)- «Portugal- Cultura visigoda y cultura mozárabe». *Simposio Internacional Visigodos y Omeyas- Un Debate entre la Tardoantigüedad y la Alta Edad Media*, 21 a 23 Abril de 1999, Consorcio Monumental de la Ciudad de Mérida, Mérida.

REAL, Manuel Luís; GOMES, Paulo Dordio; TEIXEIRA, Ricardo Jorge; MELO, Rosário Figueiredo, 1995- «Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica da Casa do Infante- Porto: Elementos para uma sequência longa- séculos IV a XIX». *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós- Medieval*, 28-31 Outubro de 1992, Câmara Municipal de Tondela, Tondela, pp. 171-186.

RESENDE, Tatiana, 1985- «Escavações arqueológicas no castelo de Montemor-o-Novo». *Revista Almansor*, 3, pp. 11-35.

RETUERCE VELASCO, Manuel, 1984- «La ceramica islamica de Calatalifa. Apuntes sobre los grupos ceramicos de la Marca Media». *Boletin del Museo Arqueologico Nacional*, 11, Madrid, pp.118-136.

1998- *La Cerámica Andalusí de la Meseta*, Tomos I e II, Cran Estudios, Madrid.

RETUERCE VELASCO, M. e ZOZAYA, Juan, 1991- «Variantes y constantes en la cerámica Andalusí». *A Ceramica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp. 315-324.

RICE, David Talbot, 1991- *Islamic Art*. Thames and Hudson, Spain.

RODRIGUES, Jorge Afonso, 1985- *A Igreja e o Convento da Ordem Militar de Santiago da Espada em Palmela*. C.M.P. Palmela. (Policopiado).

ROSSELLÓ- BORDOY, Guillermo, 1978- *Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe de Mallorca*. Palma de Mallorca.

-1980- «La Céramique Arabe à Majorque (Problèmes Chronologiques)». *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale - Xe-XVe siècles*, Editions CNRS, Paris, pp. 297-309.

-1987- «Algunas puntualizaciones sobre el atafor andalusí: tipología y cronología». *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología* 13-14, vol. II, Univ. Aut. Madrid, Madrid, pp. 281-290.

-1991- *El Nombre de las Cosas en Al-Andalus: Una Propuesta de Terminología Ceramica*, Palma de Mallorca.

-1995- «La céramique vert et brune en Al-Andalus du Xe au XIIIe siècle». *Le Vert et Le Brun, Céramique du Xe au XVe siècle*, Marseille, pp. 104-117.

SABROSA, Armando e ESPÍRITO SANTO, Paulo, 1992, «Almada medieval-moderna. Um projecto de investigação». *Al-madan*, II Série, nº 1, pp. 5-12.

SANTA MARÍA, Frei Agostinho de, 1724- *Historia Tripartita*. Off. Antonio Pedrozo Galram, Lisboa.

SANTOS, Samuel dos, 1952- «Botella de cerámica hispanomusulmana». *Cronica Arq. Esp. Musulmana*, XXXI, *Al-Andalus*, XVII, Madrid-Granada, pp. 401-402.

SIDARUS, Adel, 1993- «A propósito das ameias nas fortificações do sudoeste peninsular até ao séc. X». *Arqueologia Medieval* 2, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 211-213.

-1997- «Novas perspectivas sobre o Gharb al-Andalus no tempo de D. Afonso Henriques». *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães- A Política Portuguesa e as Suas Relações Exteriores*, Vol.2, Câmara Municipal de Guimarães e Universidade do Minho, pp. 249-268.

-1998- «Religião e cultura no extremo Gharb al-Andalus». *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. C. Torres e S. Macías, MNA, Lisboa, 1998, pp. 257-263.

SILVA, C. Tavares da e SOARES, J, 1986- *Arqueologia da Arrábida*, SNPRCN, Lisboa.

SILVA, C. Tavares da; SOARES, Joaquina; BEIRÃO, C.; FERRER DIAS, L.; COELHO-SOARES, A, 1981- «Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979)», *Setúbal Arqueológica*, Vol. VI-VII, ADS, Setúbal, 1980-81, pp. 149-214.

SILVA, Carlos Tavares da; COELHO-SOARES, Antónia, 1987- «Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida), Campanha de 1987». *Setúbal Arqueológica*, 8, 1987, pp. 228-237.

SILVA, Carlos Tavares e SOARES, Joaquina, 1986- *Arqueologia da Arrábida*, SNPRCN, Lisboa.

-1997- «Chibanes revisitado. Primeiros resultados de escavações de 1996». *Estudos Orientais*, 6, Lisboa, pp. 33-66.

SOARES, Joaquina, 2000- «Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições», Encontro sobre Arqueologia da Arrábida, 6 e 7 de Novembro de 1998, *Trabalhos de Arqueologia 14*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp. 101-130.

SOLER, Alvaro e ZOZAYA, Juan, 1989- «Castillos omeyyas de planta cuadrada: su relación funcional». *III Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Oviedo.

SOUSTIEL, Jean, 1985- *La Ceramique Islamique, Le Guide du Connaisseur*. Office du Livre, Suisse.

TÁVORA, D. Luis Gonzaga de Lancastre e, 1983- *O Estudo da Sigilografia Medieval Portuguesa*. I.C.L.P., Lisboa.

TEICHNER, Felix, 1993- «Acerca da vila romana de Milreu- Estói. Continuidade da ocupação na época árabe». *Arqueologia Medieval 3*, Campo Arq. de Mértola, Ed. Afrontamento, 1993, pp. 89- 100.

TELLES ANTUNES, M., 1999- «Restos de tesouro de moedas islâmicas nas imediações de Azoia (Sesimbra)». *Arqueologia Medieval 6*, Ed. Afrontamento, C. A. M., Porto, pp. 133-138.

1991- «Restos de animais no castelo de Silves (Séc. VIII-X). Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico». *Estudos Orientais II- O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Instituto Oriental, Lisboa, pp. 41-74.

-1996- «Alimentação de origem animal em regime islâmico. Alcaria Longa e Casa II da Alcáçova de Mértola». *Arqueologia Medieval 4*, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 267-276.

TERRÓN ALBARRÁN, Manuel, 1996- «Aproximación a la prosopografía del reino taifa de badajoz: las fronteras y el territorio». *Bataliús- El reino Taifa de Badajoz. Estudios*, Letrúmero, Madrid, pp. 233-256.

TORRES BALBÁS, Leopoldo, 1956- «Nichos y arcos lobulados». *Cronica Arq. Esp. Musulmana*, XXXVIII, *Al-Andalus*, XXI, Madrid-Granada, pp. 147-171.

-1965- «Arte hispanomusulmán- hasta la caída del califato de Córdoba», *Historia de España V. España Musulmana. (711-1031)*, dir. Menéndez Pidal, Ed. Espasa-Calpe, Madrid.

1982- «Nuevas perspectivas sobre el arte de al-Andalus bajo el dominio Almorávide». *Cronica Arqueológica de la España Musulmana*, XXXI, *Obra Dispersa I*, I.E., Madrid, 1982, pp. 402-433.

- 1983- «Las puertas en recodo en la arquitectura militar hispano-musulmana». *Cronica Arqueológica de la España Musulmana*, XLVII, *Obra Dispersa I*, I.E., Madrid, pp. 122-150.
- 1983a- «La pintura mural de las iglesias Mozárabes». *Cronica Arq. Esp. Musulmana*, XLIII, *Al-Andalus*, I, Instituto de España, Madrid, pp. 334-340.
- TORRES, Cláudio, 1992- «O Garb-Al-Andaluz». *História de Portugal*, dir. de José Mattoso, Vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa, pp. 361- 416.
- 1993- *Núcleo Visigótico- Museu Regional de Beja*. Catálogo da Exposição, Ed. Museu Regional de Beja e Assembleia Distrital de Beja.
- 1994- «Lisboa muçulmana e o seu território». *Lisboa Subterrânea*, Catálogo da exposição, Museu Nacional de Arqueologia, 1994, Lisboa, pp. 81-86.
- TORRES, C. e GOMEZ, S., 1995- «Le vert et le brun au Portugal». *Le Vert et le Brun– de Kairouan à Avignon, céramiques du Xe au XVe siècle*, Marseille, pp. 99-103.
- TORRES, Cláudio e MACÍAS, Santiago- 1996- «Rituais funerários paleocristãos e islâmicos nas necrópoles de Mértola». *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*, Lisboa, pp. 11-44.
- 1987, *Cerâmica Islâmica Portuguesa*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- TORRES, Cláudio; BOIÇA, J.; LOPES, Vírgilio; PALMA, M. P. da, 1991- *Museu de Mértola: Núcleo do Castelo-Catálogo*. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- TORRES, Cláudio; PALMA, M.P.; REGO, M.; e MACÍAS, S., 1991, «Cerâmica islâmica de Mértola- propostas de cronologia e funcionalidade». *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa 1987; Mértola, pp. 497-536.
- TORRES, Cláudio; PALMA, M. Passinhas da; REGO, Miguel; MACÍAS, Santiago; 1996- «Técnicas e utensílios de conservação dos alimentos na Mértola islâmica». *Arqueologia Medieval 4*, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 203-217.
- TRILLMICH, Walter, 1999- «Las ciudades hispanorromanas: Reflejos de la metrópoli». *Hispania, El Legado de Roma*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arte Romano-Mérida, Fev. a Abril de 1999, pp.183-196.
- VALDÉS FERNANDEZ, F., 1985- *La Alcazaba de Badajoz*. Ministério de Cultura, Madrid.
- VALOR PIECCHOTA, Magdalena, 1991- *La Arquitectura Militar y Palatina en la Sevilla Musulmana*. Sevilla.
- VALOR, Magdalena e RODRIGUEZ, A. Tabales, 2000 (no prelo)- «Urbanismo y Arquitectura Almohade en Sevilla. Caracteres y Especificidad». *Los Almohades I: Los Vectores del Mensaje Almohade (Arte, Epigrafía, Numismática)*, Junho de 2000, Casa de Velazquez- CSIC- CNRS Lyon, Madrid.
- VARELA GOMES, Rosa, 1988- *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves*, in Xelb 1, Silves.
- 1991- «Cerâmicas muçulmanas, orientais e orientalizantes do castelo de Silves». *O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Estudos Orientais, II, Lisboa, 1991, pp. 13-37.
- 1998- «Contributo para o estudo das cerâmicas com decoração a verde e castanho de Silves». Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Porto, pp. 43-55.**
- VARGAS, José Manuel, 1988- «De Alcochete ao Barreiro: alguns elementos para o estudo do antigo concelho do Ribatejo». *Jornadas de Divulgação e Análise do Passado de Palmela*, 14-15 Março de 1987, Câmara Municipal de Palmela, Col. Estudos Locais, Palmela, pp. 185-209.

-1999- «O Património das Ordens Militares em Lisboa, Sintra e Torres Vedras segundo uma inquirição do reinado de D. Afonso II». *Actas do III Encontro Sobre Ordens Militares*, Vol. II, Câmara Municipal de Palmela- Edições Colibri, Palmela, pp. 105-130.

VASCONCELOS, José Leite, 1887- «Estações pré-Históricas dos Arredores de Setúbal- Notícias Arqueológicas da Península de Setúbal». *Archeologo Português*, vol. Jan./Fev., p.11-45.

VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim, 1990, *História de Portugal*. vol. I (1080-1945) e Vol. VI , Ed. Verbo, Lisboa.

VIEGAS, Catarina e ARRUDA, Ana Margarida, 1999- «Cerâmicas islâmicas da alcáçova de Santarém». *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 2, número 2, Lisboa, pp. 105-186.

VIEIRA DA SILVA, José Custódio, 1983, *A Igreja Conventual da Ordem militar de Sant'Iago em Palmela*. Trabalho de História da Arte Medieval do Mestrado de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

-1989- «Castelos e cercas medievais. Sécs. XIV e XV». *Portugal no Mundo, História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, dir. de Rafael Moreira, P. Alfa, Lisboa, pp. 55-72.

-1997- «A Igreja de Santiago da Espada de Palmela». *O Fascínio do Fim*, Livros Horizonte, Lisboa.

VILÁ, J. Bosh, 1998- *Los Almorávides*. Granada, Archivum, pp. 181-183.

VILLALÓN, María Cruz, 1985- *Mérida Visigoda, La escultura arquitectónica y litúrgica*. Diputación Provincial de Badajoz, Badajoz.

-1995- «Mérida entre Roma y el Islam. Nuevos documentos y reflexiones». *Los Ultimos Romanos en Lusitania*, Cuadernos Emeritenses-10, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp. 153-184.

-1998- «Indícios cristianos bajo el Islam. El caso de Mérida y Badajoz». *Rupura o Continuidad. Pervivencias Preislámicas en Al-Andalus*, Cuadernos Emeritenses-15, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, pp. 177-199.

VITERBO, Sousa, 1988- *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Vol. I, II e III, I.N.C.M., Lisboa.

VV. AA., 1924- *Guia de Portugal*. Vol. I- Generalidades, Lisboa e Arredores, B.N.L., Lisboa.

VV. AA., 1985- *Treasures of Islam*. Artline Editions, Singapore.

ZOZAYA, Juan, 1980, «Aperçu général sur la céramique espagnole». *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale Xe-XVe Siècles*, Ed. C.N.R.S., Paris, pp. 265-296.

-1980a- «Essai de chronologie pour certains types de ceramique califale andalouse», *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale- Xe-XVe siècles*, Editions CNRS, Paris, pp.311-316.

1991- «Influjos orientales en Al-Andalus». *Estudos Orientais II, O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Instituto Oriental, Lisboa, pp. 103-115.

1994- «Fortificaciones tempranas». *Actas del I Congreso de Castellología Ibérica*, Diputacion Provincial de Palencia, Palencia, pp.71-146.

1995- «Reflexiones sobre las fortificaciones andalusís». *Arte Islámico en Granada. Propuesta para un Museo de la Alhambra*, Abril- Setembro de 1995, Granada, pp.75-81.

-1996- «Fortification building in Al-Andalus». *Actas do Kolloquium Berlin 1991- Spanien und der Orient im Frühen und Hohen Mittelalter*, Mainz, pp. 55-74.